



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS CLÓVIS MOURA – CCM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CAIO CÉSAR SOUSA BARROS

ENTRE A IMAGEM E A REALIDADE: uma análise histórica das
representações da Segunda Guerra Mundial no mangá *Adolf*

TERESINA-PI

2025

CAIO CÉSAR SOUSA BARROS

ENTRE A IMAGEM E A REALIDADE: uma análise histórica das
representações da Segunda Guerra Mundial no mangá *Adolf*

Monografia apresentada como requisito de
conclusão de curso Licenciatura em História da
Universidade Estadual do Piauí – UESPI, sob a
orientação do Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto.

TERESINA-PI

2025

B277e Barros, Caio Cesar Sousa.

Entre a imagem e a realidade: uma análise histórica das representações da segunda guerra mundial no mangá Adolf / Caio Cesar Sousa Barros. - 2025.

64f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em História, Campus Clóvis Moura, Teresina-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto".

1. História. 2. Segunda guerra mundial. 3. Representações. 4. Memória. 5. Mangá. I. Sousa Neto, Marcelo de . II. Título.

CDD 940.53

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

CAMPUS CLÓVIS MOURA – CCM

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LICENCIATURA EM HISTÓRIA


CAIO CÉSAR SOUSA BARROS

ENTRE A IMAGEM E A REALIDADE: uma análise histórica das
representações da Segunda Guerra Mundial no mangá *Adolf*


Data: 07/01/2025

Nota: 10,0 (dez pontos)


Banca de Defesa:

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO DE SOUSA NETO**
Data: 08/08/2025 22:08:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto-UESPI/CCM
Orientador-Presidente

Documento assinado digitalmente
 **PEDRO PIO FONTINELES FILHO**
Data: 09/08/2025 07:38:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho- UESPI/CCM
Membro

Documento assinado digitalmente
 **MILTON GOMES DA SILVA**
Data: 08/08/2025 20:46:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Milton Gomes da Silva- SEDUC/PI
Membro

TERESINA - PI
2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida e pelo conforto nos momentos no qual duvidei de mim mesmo, me dando forças para prosseguir nessa árdua caminhada que é a licenciatura, me possibilitando superar as dificuldades que foram apresentadas durante o curso de História.

Aos meus pais, Emerson e Cristiana, expresso minha gratidão por todo apoio, amor e carinho, durante todos os momentos de minha. Crescer e aprender com vocês a ser uma pessoa boa e honesta foram de importância sumaria nessa minha jornada que foi a graduação e nas que virão a seguir. Vocês são minha base de tudo e me forneceram toda a coragem necessária para seguir em frente. Agradeço a minha avó e minha tia, Maria e Luzilene, por me acolherem e sempre me incentivarem a prosseguir com os estudos, e por me ensinarem sobre força e resiliência nos momentos mais difíceis. A minha namorada, Fernanda, agradeço por ser um sopro de leveza e amor na minha vida, seu apoio foi de fundamental importância para mim no meu processo de escrita.

Expresso meu profundo agradecimento ao meu orientador, o Professor Dr. Marcelo de Sousa Neto. Sua orientação e paciência, possibilitou dar melhor de mim na produção desse projeto, bem como também com todos os aprendizados que tive durante a graduação em suas aulas, o seu comprometimento com o ensino de História e a formação docente é uma inspiração para mim e para os demais colegas do curso de História. Um agradecimento em especial aos professores, Pedro Pio Fontineles Filho que desde a sua primeira aula me impactou ao trazer uma forma de se estudar História com leveza, risadas e seriedade, sempre estando disposto a me ajudar em minhas dúvidas no decorrer do curso. E a professora Rosangela Assunção sem sua ajuda para além da sala de aula, nada disso seria possível, agradeço por sempre me tratar com carinho nesses anos e por sua luta em defesa do nosso curso. Aos demais professores com qual tive o prazer de aprender, agradeço e recordarei de todos com extremo carinho e prestígio, com vocês aprendi sobre como ser um professor e a importância e a responsabilidade que nosso curso tem na formação da sociedade.

A Universidade Estadual do Piauí, em especial ao Campus Clovis Moura (CCM), obrigado por ser um espaço tão acolhedor e importante que possibilitou a mim o acesso ao ensino superior gratuito e com qualidade, ao ingressar no campus, pude notar de

imediatamente a importância que CCM tem para as proximidades, sendo o local capaz de mudar vidas e que deve ser zelado.

Para finalizar quero agradecer aos meus colegas de turma, por sempre mantermos o respeito nas nossas aulas, por sempre buscarmos o melhor para o nosso aprendizado e por sempre ter havido colaboração entre todos nós no dia a dia, seja aula, seminário ou prova, vocês contribuíram de forma direta e indireta na minha formação. Principalmente meus amigos que a graduação me deu: Márcia, Joab e Daniela, com vocês dividi horas de estudos, inseguranças e sonhos, obrigado por sua amizade e apoio durante esse período, vocês tornaram essa difícil jornada, bem mais agradável.

BARROS, Caio César Sousa. **ENTRE A IMAGEM E A REALIDADE**: uma análise histórica das representações da Segunda Guerra Mundial no mangá *Adolf*. 2025. 64p. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual do Piauí- UESPI/CCM, Teresina, 2025.

RESUMO

A modernização dos objetos e métodos na pesquisa histórica, especialmente com a influência da Escola dos Annales, levou à inclusão de novas fontes no trabalho do historiador. Um exemplo relevante é a literatura. Nesse contexto, a série de mangás "*Adolf*", criada por Osamu Tezuka, oferece uma abordagem para análise do período entre 1936 e 1945, uma época marcada pela ascensão de Adolf Hitler, que abrange desde os Jogos Olímpicos de 1936 até a derrota das potências do Eixo em 1945. Este estudo pretende examinar as representações presentes na obra de Tezuka e sua conexão com a realidade das sociedades alemã e japonesa durante a Segunda Guerra Mundial, além de seus contextos antecedentes. Serão explorados diversos elementos significativos desse período, como os temores relacionados à morte, repressão, tortura, o Holocausto e a censura que prevaleciam sob o regime do medo e da ditadura. Para fundamentar a pesquisa, será utilizado o arcabouço teórico que abrange as discussões de Will Eisner (2010), Sonia M. Bibe Luyten (2014) e Claudia Pedro Winterstein (2009) no que diz respeito à análise de quadrinhos e mangás; as reflexões de José D' Assunção Barros (2020), Marc Bloch (2001) e Caio César Boschi (2007) sobre as fontes e a revolução proposta pelos Annales; além de uma leitura sobre a Segunda Guerra Mundial e a Alemanha, com contribuições de autores como Eric Hobsbawm (1995), Richard J. Evans (2011) e William Shirer (2008). Adicionalmente, as análises de Jean Chesneaux (1976) e Bruno Magno (2018) serão utilizadas para compreender o Japão durante esse conflito. Por fim, será feita uma abordagem das representações de Roger Chartier (1990) e reflexões sobre memória a partir dos escritos de Jacques Le Goff (1990), Maurice Halbwachs (1990) e Pierre Nora (1993). Em síntese, o autor tece duras críticas a guerra, principalmente ao lançar a luz sobre os líderes do conflito os trazendo como os principais responsáveis dos horrores do conflito, como o holocausto, o racionamento de comida e a violência, tudo isso a fim de defender um patriotismo exacerbado as custas civis. Dessa maneira, o mangá de Tezuka se destaca não somente como fonte de representação, mas também como uma ferramenta de pesquisa tanto para historiados como para alunos, a fim de trazer uma reflexão da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: História, Segunda Guerra Mundial, Representações, Memória, Mangá, Adolf Hitler.

BARROS, Caio César Sousa. **BETWEEN IMAGE AND REALITY**: a historical analysis of the representations of World War II in the manga Adolf. 2025. 64p. Monograph (Degree in History) - State University of Piauí- UESPI/CCM, Teresina, 2025.

ABSTRACT

The modernization of objects and methods in historical research, especially with the influence of the Annales School, led to the inclusion of new sources in the historian's work. A relevant example is literature. In this context, the manga series "Adolf", created by Osamu Tezuka, offers an approach to analyzing the period between 1936 and 1945, a time marked by the rise of Adolf Hitler, which spans from the 1936 Olympic Games to the defeat of the Axis powers in 1945. This study aims to examine the representations present in Tezuka's work and their connection with the reality of German and Japanese societies during World War II, in addition to their antecedent contexts. Several significant elements of this period will be explored, such as the fears related to death, repression, torture, the Holocaust and censorship that prevailed under the regime of fear and dictatorship. To support the research, the theoretical framework will be used that encompasses the discussions of Will Eisner (2010), Sonia M. Bibe Luyten (2014) and Claudia Pedro Winterstein (2009) with regard to the analysis of comics and manga; the reflections of José D'Assunção Barros (2020), Marc Bloch (2001) and Caio César Boschi (2007) on the sources and the revolution proposed by the Annales; in addition to a reading on World War II and Germany, with contributions from authors such as Eric Hobsbawm (1995), Richard J. Evans (2011) and William Shirer (2008). Additionally, the analyses of Jean Chesneaux (1976) and Bruno Magno (2018) will be used to understand Japan during this conflict. Finally, it will be an approach to the representations of Roger Chartier (1990) and reflections on memory from the writings of Jacques Le Goff (1990), Maurice Halbwachs (1990) and Pierre Nora (1993). In summary, the author harshly criticizes the war, mainly by shedding light on the leaders of the conflict, bringing them as the main responsible for the horrors of the conflict, such as the holocaust, food rationing and violence, all in order to defend an exacerbated patriotism at civilian expense. In this way, Tezuka's manga stands out not only as a source of representation, but also as a research tool for both historians and students, in order to bring a reflection on World War II.

Keywords: History, World War II, Representations, Memory, Manga, Adolf Hitler

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: ADOLF HITLER DISCURSANDO.....	25
Figura 2: SISTEMA SOLAR DE OSAMU TEZUKA	26
Figura 3: CAPAS DE ADOLF	28
Figura 4: NOTÍCIAS SOBRE OSAMU TEZUKA E MAURÍCIO DE SOUSA	30
Figura 5:ADOLF HITLER COMEMORANDO A VITÓRIA ALEMÃ NA MODALIDADE DE ARREMESSO DE MARTELO	38
Figura 6: EXECUÇÃO DOS CULPADOS PELO GOLPE DE 26 DE FEVEREIRO DE 1936.....	41
Figura 7: PREPARAÇÃO JAPONESA PARA A GUERRA	42
Figura 8: CRIANÇAS JAPONESAS BRINCANDO DE GUERRA	43
Figura 9: ADOLF KAUFMANN ESCREVE PARA SUA MÃE SOBRE A SUA VIDA NA ALEMANHA	47
Figura 10: OFENSIVA ALEMÃ NA POLONIA EM 1939 INICIANDO A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	49
Figura 11: ADOLF KAUFFMANN OBSERVA A ASSINATURA DO TRATADO DE RENDIÇÃO DA FRANÇA E A DESTRUIÇÃO DO MEMORIAL.....	50
Figura 12: ADOLF KAUFFMANN INTERROGA CIVIS ACUSADOS DE AJUDAREM JUDEUS.....	52
Figura 13:HITLER EXALTADO COM A CRESCENTE POSSIBILIDADE DE DERROTA DA ALEMANHA.....	53
Figura 14: ADOLF CAMIL E YOSHIO CONVERSAM SOBRE O PATRIOTISMO JAPONÊS	56
Figura 15: ADOLF CAMIL EM MEIO AOS ECOMBROS DO ATAQUE AÉREO DE AVIÕES B-29	57
Figura 16: SOHEI TOGE CARREGA SUA ESPOSA FERIDA EM MEIO A DESTRUIÇÃO E MORTOS	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A RESSIGNIFICAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS E A BIOGRAFIA DE OSAMU TEZUKA	18
2.1. O mangá e as novas tendências historiográficas	19
2.2. O surgimento do “deus do mangá”	26
3. ERA DE TURBULÊNCIA: A ALEMANHA E JAPÃO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.	32
3.1. A Alemanha e formação do Terceiro Reich	32
3.2. Japão e o projeto imperialista japonês.....	39
4. ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS TRAÇOS DE TEZUKA.....	45
4.1 Hitler e a Alemanha Nazista	46
4.2 O Império japonês na Segunda Guerra Mundial	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
6. REFERÊNCIAS E FONTES.....	63
6.1. Referências bibliográficas:	63
6.2 Fontes:.....	65

1. INTRODUÇÃO

Em uma guerra cujas estimativas mais baixas indicam a morte de cerca de 60 milhões de pessoas e que se espalhou pelo mundo, é natural que haja uma variedade de interpretações entre os historiadores sobre suas origens. Embora a invasão da Polônia em 1º de setembro de 1939 seja considerada o marco inicial, é necessário reconhecer que a Europa, assim como o resto do mundo, não decidiu, repentinamente, iniciar um conflito que duraria seis anos. Alguns especialistas argumentam que essa guerra pode ser vista como um desdobramento de um ciclo de 30 anos, com a Primeira Guerra Mundial sendo o fator desencadeador da violência que perdurou na primeira metade do século XX. Outros apontam o ataque à França e à Inglaterra como uma continuação do conflito anterior. Por sua vez, do ponto de vista asiático, 1937 é considerado o "ponto de partida" com o começo da Guerra Sino-Japonesa. Além disso, a crise de 1929 é frequentemente apontada como um ponto crucial, dado que fragilizou o sistema capitalista e a democracia liberal, criando espaço para o avanço do totalitarismo. Em síntese, a Segunda Guerra Mundial pode ser vista como uma grande confluência de conflitos, cujos desdobramentos foram sentidos ao longo de todo o século XX.

Considerando essas perspectivas, o objetivo não é simplesmente relatar os eventos, mas sim representar essas experiências através de abordagens inovadoras e inusitadas, levantando novas questões e adotando métodos diferentes na busca por um entendimento mais amplo e original sobre a Segunda Guerra Mundial. Assim, conforme mencionado por Bloch:

O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa. Para quem duvidasse, bastaria lembrar o que, há pouco mais de um século, aconteceu sob nossos olhos. Imensos contingentes da humanidade saíram das brumas. [...]. Procedimentos de investigação até então desconhecidos também surgiram. Sabemos melhor que nossos predecessores interrogar as línguas acerca dos costumes, as ferramentas acerca do artesanato. Aprendemos sobretudo a mergulhar mais profundamente²¹ na análise dos fatos sociais [...] (Bloch, 2001, p. 75).

Assim, ao explorar o mangá criado por Osamu Tezuka, intitulado "Adolf", e os eventos ocorridos entre 1936 e 1945, é viável perceber as semelhanças e divergências entre a ficção e a realidade. No que diz respeito à cronologia desta investigação, é relevante mencionar que ao final do quinto volume, Tezuka faz uma transição temporal para a década de 1970, abordando o conflito entre Israel e Palestina. Contudo, para

abranjer todo o período da Segunda Guerra Mundial, o estudo inicia-se em 1936, incluindo as Olimpíadas de Berlim na Alemanha, um momento crucial em que Hitler exibe a força do regime alemão. Ademais, o recorte temporal abrange desde o começo da Guerra Sino-Japonesa até a conclusão da Segunda Guerra Mundial em 1945.

Como mencionado anteriormente, a escolha de diferentes datas para marcar o início da guerra pode ser atribuída aos principais fatores que desencadearam o maior conflito da história. Entre esses fatores, o mais significativo foram os efeitos devastadores do pós-guerra, que afetaram tanto os vencedores quanto os derrotados. As nações vencedoras, como França e Inglaterra, encontravam-se exauridas e determinadas a evitar um novo embate. Por outro lado, os derrotados estavam fragmentados devido ao Tratado de Versalhes, enfrentando a humilhação da derrota e suportando severas sanções econômicas que comprometeram ainda mais suas já debilitadas economias, especialmente a Alemanha, que estava politicamente dividida. Além disso, a crise de 1929 desempenhou um papel crucial no colapso da Alemanha, que, na década de 20, parecia estar se recuperando, mas após a quebra da bolsa de Nova Iorque, caiu em um novo abismo, do qual emergiu o Partido Nacional-Socialista, liderado por Adolf Hitler.

Assim, o *Mangá Adolf* surge como uma nova referência historiográfica que permite uma análise da Segunda Guerra Mundial, contextualizando-a através das ilustrações do autor, revelando um lado distinto do conflito e abordando eventos menos discutidos historicamente. Ao situar sua narrativa tanto na Alemanha quanto no Japão, Tezuka não apenas explora acontecimentos mais conhecidos, mas também direciona a atenção do leitor para a experiência da população japonesa.

Dessa forma, buscou-se compreender a noção de representação para, a partir desse entendimento, fosse realizada uma análise detalhada dos personagens presentes na obra. Isso permitirá uma investigação fundamentada no contexto histórico da época. A respeito da representação, Chartier observa que:

[...] as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc. [...] Com estes objetos novos ou reencontrados podiam ser experimentados tratamentos inéditos, tornados de empréstimo as disciplinas vizinhas: foi o caso das técnicas de análise linguística e semântica, dos meios estatísticos utilizados pela sociologia ou de alguns modelos da antropologia (Chartier, 1990, p. 14-15).

O contato com a banda desenhada desperta no acadêmico de história o interesse em relacionar os acontecimentos históricos com as abordagens literárias, abrangendo

obras nacionais, norte-americanas e orientais, que oferecem uma perspectiva distinta da ocidental. Com a renovação nas pesquisas históricas trazidas pela Escola dos Annales, a literatura começou a ganhar relevância no meio acadêmico, surgindo como uma nova possibilidade de investigação, permitindo uma visualização enriquecida a partir dos seus estudos. Ao explorar as obras de Tezuka, e levando em conta as orientações do Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto, percebi o potencial de pesquisa que se apresentava, especialmente porque durante a graduação é evidente a flexibilidade das investigações em História, que favorece a interdisciplinaridade com outras áreas do saber, como a ligação entre História e Literatura, a qual é amplamente utilizada em várias disciplinas do curso. Assim, outra motivação relevante para esta pesquisa é a intenção de contribuir para essa renovação nos estudos, oferecendo uma nova perspectiva sobre a Segunda Guerra Mundial a partir da análise de mangás, com o intuito de servir como referência para investigações sobre esse período. É importante também ressaltar a subutilização dos quadrinhos pelos educadores, muitos dos quais apresentam um certo preconceito em relação a esse tipo de literatura, considerando que ela valoriza a linguagem não verbal, devido a uma preocupação excessiva com o conteúdo. Santos enfatiza, portanto, a importância de usar esses recursos como ferramentas pedagógicas no ensino da História:

(...) temas da atualidade ou de natureza histórica, ética ou científica podem ser discutidos a partir da leitura de uma determinada história em quadrinhos. a turma de alunos, ao utilizar os quadrinhos como ponto de partida de um debate, tem em mãos material para refletir a respeito de ideias e valores. (Santos, 2001, p. 49).

É inegável que a História é uma disciplina que tem como objetivo cultivar o pensamento crítico e a consciência social dos estudantes. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos e mangás podem ser uma ferramenta valiosa para conectar os alunos a eventos com os quais estão distantes, como os da Segunda Guerra Mundial, que frequentemente são abordados apenas em livros didáticos. Assim, consideramos que a utilização de mangás pode ser uma estratégia pedagógica eficaz para aprofundar o conhecimento sobre esse período, uma vez que poucas pessoas daquela época estão vivas hoje em dia. Portanto, ao buscar entender as representações das sociedades alemã e japonesa, não apenas antes, mas também durante a Segunda Guerra Mundial, a pesquisa proposta visa responder perguntas acerca desse contexto histórico: de que forma a Segunda Guerra Mundial é apresentada no mangá? Quais as principais características dessas sociedades

aparecem na obra? Como a perseguição ao povo judeu é retratada? Quais as relações entre a historiografia e a narrativa nas páginas do mangá?

Este trabalho tem como meta principal analisar as representações da Segunda Guerra Mundial e suas repercussões por meio da narrativa e das ilustrações do mangá "Adolf", do mangaká¹ por Osamu Tezuka, publicado no Brasil de forma completa pela editora Conrad e posteriormente com nova versão em andamento pela editora Pipoca & Nanquim, dessa forma na presente pesquisa será utilizado os volumes da editora Conrad já finalizado. Entre os objetivos específicos, estão: examinar as características dominantes das sociedades japonesa e alemã retratadas no mangá; compreender a forma como a perseguição aos judeus é abordada na obra de Tezuka; discutir as relações entre a historiografia e a narrativa do mangá; e explorar a representação dos bombardeios no Japão e seus efeitos.

Esta monografia tem um caráter exploratório baseado em uma revisão bibliográfica sobre o paradigma entre os acontecimentos históricos e sua relação com as abordagens literárias da referida época. Usando a literatura de referência propomos a interpretação destas temáticas nos mangás de Tezuka. Nesse viés a pesquisa procura conectar eventos históricos com *Adolf*, através dessa conjuntura se contextualiza a narrativa fictícia dentro da histórica, permitindo uma compreensão mais rica das representações. A pesquisa nasceu da trabalho final requisitado obrigatório do curso licenciatura plena em história na Universidade Estadual do Piauí.

Para Andrade:

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que

¹ Mangaká significa cartunista (uma pessoa que desenha quadrinhos). Fora do Japão, o termo "Mangá" se refere à apenas quadrinhos japoneses. Então o termo mangaká significa autores de mangás que normalmente são japoneses também (mas não significa que todos mangás são apenas japoneses). Eles podem ter estudado em escolas de mangá, faculdade ou até ter o aprendizado com outro mangaká antes de virar um artista profissional. No entanto, existem alguns que só começam seus projetos, sem ser um assistente, aplicando aos concursos que as revistas executam. Osamu Tezuka, criador de *Astro Boy* começou sem um assistente.

todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p.25)

A metodologia adotada para esta pesquisa será fundamentada em leituras e estudos de caráter analítico e interpretativo sobre a coleção composta por cinco volumes do mangá Adolf. Serão elaborados resumos e análises de cada um dos volumes, examinando e relacionando a narrativa fictícia criada por Tezuka com os eventos históricos do período retratado. Além disso, serão levantadas questões sobre os elementos presentes na obra, com foco nos aspectos socioeconômicos e políticos, assim como suas semelhanças e divergências em relação à realidade contextualizada. Por fim, será desenvolvido um estudo sobre a biografia do autor, a fim de entender sua trajetória no campo da arte.

Para fundamentar este estudo, serão considerados os trabalhos de José D' Assunção Barros, Marc Bloch e Caio César Boschi, que abordam as novas oportunidades de fontes históricas geradas pela revolução historiográfica da Escola dos Annales, assim como a relevância das fontes para os pesquisadores. Além disso, a discussão sobre a memória individual e coletiva como elemento crucial para a elaboração da história será feita com base nos escritos de Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Michael Pollack e Pierre Nora. Também exploramos as ideias de Roger Chartier, que traz o conceito de representações moldadas pelos interesses coletivos que influenciam e organizam a sociedade. O diálogo com autores como Marcos Napolitano, Peter Burke e Will Eisner será desenvolvido em relação ao valor das imagens como fontes, que são tão significativas quanto as fontes textuais para o historiador. Por fim, a análise de Sonia M. Bibe Luyten e Claudia Pedro Winterstein se concentrará na relevância de Osamu Tezuka e seus mangás como fontes históricas.

Dentre as fontes históricas consultadas, destacam-se autores como Eric Hobsbawm, que apresenta uma análise das dimensões políticas, econômicas e sociais do século XX. Martin Gilbert e Antony Beevor oferecem uma visão abrangente sobre a Segunda Guerra Mundial, repleta de detalhes sobre os conflitos desse período. Hannah Arendt fornece reflexões sobre os regimes totalitários que estiveram no poder na Alemanha e no Japão. As obras de William L. Shirer e Richard J. Evans são fundamentais para que se possa compreender a vida cotidiana na Alemanha Nazista, abordando questões como o antissemitismo, o Holocausto e a figura de Adolf Hitler enquanto líder autoritário. Além disso, foram analisados os estudos de Bruno Magno e Jean Chesneaux, onde o primeiro discute a relevância da Guerra Sino-Japonesa para a expansão japonesa

e a Guerra no Pacífico, e o segundo apresenta uma perspectiva política da Ásia como um todo. Por fim, Célia Sakurai, Kenneth Henshall e Nádía Saito contribuem para a compreensão da trajetória histórica do Japão em relação aos conflitos da Segunda Guerra Mundial.

No capítulo, chamado **“A ressignificação das fontes históricas e a biografia de Osamu Tezuka”**, foi apresentado um resumo sobre a forma como a Escola dos Annales transformou a historiografia ao abrir espaço para diferentes tipos de fontes e promover a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, destacamos que as obras de Osamu Tezuka podem ser consideradas como uma fonte de pesquisa ao relacionar sua escrita com a preservação na memória de eventos que ele vivenciou. Também foi realizada uma investigação biográfica sobre a vida de Tezuka, o que permitiu compreender melhor o contexto em que ele estava inserido. Ao ter passado por períodos de guerra, sua narrativa adquire um caráter pessoal, refletindo suas experiências nas características de sua obra. Tezuka é reconhecido por ter popularizado os mangás tanto no Japão quanto internacionalmente, sendo aclamado como o “Deus dos mangás”.

O capítulo seguinte, intitulado **“Era de Turbulência: A Alemanha e o Japão na Primeira Metade do Século XX”**, começa com uma análise do contexto alemão no início do século, especialmente após a Primeira Guerra Mundial. Após o conflito e a assinatura do Tratado de Versalhes, a Alemanha foi severamente devastada tanto política quanto economicamente. Hobsbawm é citado para reforçar a ideia de que a guerra se estendeu por quase três décadas, pois o surgimento de Adolf Hitler e do Partido Nazista estava profundamente ligado à derrota da Tríplice Aliança, alimentando o desejo de revanche em muitos alemães. A seguir, o texto explora a história do Japão, começando na década de 1930, quando o país voltou sua atenção para os vizinhos do Pacífico em meio a uma crise econômica que o tornava dependente das áreas rurais. Essa mudança estratégica culminou na incursão à Manchúria em 1931, um passo inicial que levaria à Guerra Sino-Japonesa de 1937, que se tornou o principal conflito asiático da Segunda Guerra Mundial, antecedendo o ataque a Pearl Harbor.

No último capítulo denominado **Entre a realidade e a ficção: a Segunda Guerra No traços de Tezuka**, destacamos em um primeiro momento como o autor apresenta a sociedade alemã e a figura de Hitler e suas proximidades com a realidade, ademais analisamos como foi trabalhado por Tezuka o Holocausto na Alemanha, apresentado em seus quadros momentos de violência empregados pelos nazistas a partir da liderança de Hitler. Além disso, tomamos como foco as representações dos bombardeios no Japão

pelos aviões americanos, apresentando de forma clara a destruição nesse período, em que a população só podia correr por sua vida, perdendo tudo o que possuíam. Dessa maneira, demonstramos as principais críticas de Tezuka à guerra apresentadas em seus quadrinhos.

Com esta breve apresentação, esperamos que as análises e representações da obra de Tezuka sejam significativas para os leitores, servindo como uma nova referência de pesquisa para aqueles que se interessam pela temática da Segunda Guerra Mundial e pela utilização de quadrinhos e mangás como fontes históricas válidas, não apenas para investigações, mas também para a educação, valorizando tanto os documentos quanto o papel do historiador. Assim, na próxima página, se inicia a jornada, destacando os conceitos históricos que serão examinados ao longo deste trabalho, permitindo um aprofundamento na narrativa de Osamu Tezuka.

2. A RESSIGNIFICAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS E A BIOGRAFIA DE OSAMU TEZUKA

Inicialmente, é importante destacar que, ao longo de um extenso período, antes de se estabelecer como uma disciplina científica, a História passou por significativas mudanças. É amplamente reconhecido que, em seus primórdios, a História servia como um instrumento para relatar o cotidiano. Bourdé (2018) menciona que historiadores como o grego Heródoto utilizavam essas narrativas para entender o contexto ao seu redor, como evidenciado em suas descrições da natureza, momento em que a História se assemelhava a outras áreas do conhecimento. Com o tempo, ela passou a se definir como um meio de relatar eventos, um foco que não será abordado neste trabalho. A partir do início do século XX, novas transformações ocorreram. Peter Burke (1992), em sua obra "A Escola do Annales", destaca que a ciência da História sofreu uma reavaliação, não apenas em sua concepção e análise, mas também em sua forma de redação e elaboração, levando a uma transição de uma abordagem descritiva para uma perspectiva mais analítica e crítica. Conforme mencionado por Schwarcz:

Na verdade, foi essa fórmula que Marc Bloch, o grande historiador medievalista francês, sempre buscou. Contra uma historiografia positiva e événementielle — conforme designaram F. Simiand e P. Lacombe —, que se apoiava em fatos, grandes nomes e heróis e assim constituía pautas e agendas históricas naturalizadas, Bloch inaugurou a noção de “história como problema” (Schwarcz, 2001, p. 7).

É possível notar que a influência dos Annales² vai além dos princípios fundamentais da ciência, alterando até mesmo a natureza das fontes e as metodologias de pesquisa empregadas. Antes desse contexto, apenas documentos oficiais de governos eram considerados fontes. Com a emergência dessa nova vertente histórica, a História, enquanto disciplina científica, começou a incorporar outros tipos de fontes, como, por exemplo, a literatura. Assim, este texto propõe investigar a forma como os mangás e quadrinhos são utilizados como fontes históricas, enriquecendo o trabalho do historiador. Conforme Barros (2010), as fontes históricas oferecem ao historiador acesso a realidades e representações específicas, viabilizando o "estudo do homem no Tempo" e favorecendo

² Movimento Historiográfico que teve origem na França no ano de 1929, com a criação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, indo contra os paradigmas dominantes da escola positivista e voltando o olhar historiográfico da atividade política, para as atividades econômicas, sociais e coletivas. Buscando também, uma aproximação com outras ciências humanas como a filosofia e a antropologia.

uma compreensão mais ampla da história. Dessa maneira, as obras de Tezuka possibilitam uma visão de épocas distantes através das representações que ele cria.

2.1. O mangá e as novas tendências historiográficas

Na História, enquanto ciência, as fontes históricas ocupam uma posição fundamental na investigação, sendo essenciais para o trabalho do historiador. Atualmente, entende-se que uma fonte é qualquer material criado pelo ser humano, que contém indícios de suas atividades, permitindo o entendimento dos eventos do passado e suas consequências. Assim, as fontes históricas se configuram como os testemunhos da humanidade e, consequentemente, da própria história. Segundo Barros (2020):

Este imenso conjunto de vestígios – dos mais simples aos mais complexos – constitui o universo de possibilidades de onde os historiadores irão constituir as suas fontes históricas. Também é verdade que os grandes processos naturais e planetários, mesmo sem a interferência originária do homem (mas incidindo sobre este), podem produzir vestígios que oportunamente poderão conformar fontes históricas. A ocorrência astronômica de um eclipse, e a sua menção em um documento antigo, pode contribuir para datarmos com precisão um certo acontecimento. Os terremotos que foram gerados por movimentos das placas tectônicas podem produzir destruições em cidades e deixar resíduos que poderão ser escavados mais tarde como fontes históricas. (Barros, 2020, p. 6)

Dessa forma, as fontes históricas abarcam uma vasta gama de possibilidades para a investigação de eventos, incluindo desde vestígios arqueológicos e elementos de "cultura material" até relatos orais. Esse leque de oportunidades está estreitamente ligado ao avanço da documentação que se intensificou no começo do século XX, período em que a análise deixou de se restringir apenas às fontes oficiais, fornecidas pelos governos, que muitas vezes encobriam acontecimentos e vozes alheias às elite do poder, ocultando memórias valiosas que são cruciais para o trabalho dos historiadores. Jacques Le Goff (1990) assinala que a utilização da memória pode ser uma ferramenta de controle, destinada a suprimir informações que poderiam ser prejudiciais à aristocracia.

Assim, ao expandir a definição de fontes históricas, a História enquanto disciplina científica começa a atrair uma diversidade maior de contribuições de diferentes áreas do conhecimento, principalmente das ciências humanas, incluindo Filosofia, Geografia, Antropologia e Sociologia. Ademais, a Linguística e a Literatura demonstraram ser essenciais para esse processo de reavaliação das fontes, que agora se concentra em

dimensões que vão além dos registros políticos. Assim, são destacados elementos cada vez mais sociais e econômicos, que anteriormente eram deixados de lado pela historiografia. Segundo Barros:

Assim, se os arquivos oficiais continuam a ser fundamentais para o trabalho dos historiadores, eles estão longe de serem suficientes para fornecerem tudo o que os historiadores necessitam para o seu trabalho. Na verdade, a questão de pesquisar ou não em fontes de arquivos tem muito mais a ver com o objeto específico ou com os problemas históricos que estão sendo examinados do que com qualquer outra coisa (Barros, 2020, p. 9)

Assim, as transformações na abordagem das fontes históricas surgem principalmente da exigência dos historiadores de respaldar suas afirmações. Isso contrasta com o período inicial da Historiografia, em que era necessário "comprovar" as declarações, conforme preconizava a escola positivista³. Hoje, as fontes são consideradas como discursos a serem analisados, dispensando a mera factualidade. Isso faz com que a nova historiografia se torne cada vez mais interpretativa, analítica e crítica, uma vez que novos discursos e figuras antes negligenciados passaram a ser incluídos nesse contexto.

Bloch (2001) critica a perspectiva da história factual, especialmente a defendida por Leopold Von Ranke, que sugere que os historiadores devem limitar-se a relatar os acontecimentos de maneira neutra, seguindo o exemplo de Heródoto na antiguidade. Para Bloch, esse posicionamento reflete uma atitude passiva, pois ao desconsiderar a análise das fontes, o historiador torna-se um mero juiz, pautado apenas pela imparcialidade em busca da verdade. Contudo, ele argumenta que, para o desenvolvimento da ciência histórica, são necessárias duas componentes: a realidade e a figura humana. Assim, além do compromisso com a verdade, a realidade molda tanto as fontes quanto seus intérpretes, tornando impossível uma imparcialidade absoluta. A maneira como as fontes são avaliadas depende de quem as examina, e esse indivíduo traz consigo um conjunto de experiências que influenciam sua visão de mundo e, conseqüentemente, sua análise das fontes.

De acordo com o autor, a narrativa histórica é composta por uma rica diversidade de experiências humanas e, como área de conhecimento, a História se beneficia dessa variedade de perspectivas. "A construção da história requer a utilização de uma ampla

³ gekigá O positivismo histórico defendia arduamente a busca da verdade objetiva do passado, sem abrir espaço para outras interpretações históricas, tendo a figura do historiador alemão Leopold von Ranke que apontava que o historiador deveria descrever a verdade histórica como ela é procurando quantificar a História ao aproximar ela das ciências exatas.

gama de documentos e, portanto, de diferentes técnicas; poucas disciplinas científicas, a meu ver, necessitam empregar, simultaneamente, uma quantidade tão variada de ferramentas.” (Bloch, 2001, p. 27). Nesse contexto, a ampliação da documentação, rompendo com a visão positivista, foi fundamental para o aumento do interesse nos estudos sobre a memória coletiva, que agora se estende além das grandes figuras e da história política e diplomática, voltando-se também para a memória de todas as pessoas. Em relação à memória coletiva, Halbwachs destaca:

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que eu fazia parte foi o teatro de um certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Eles ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir. Muitas vezes não os conheço melhor, nem de outro modo, do que os acontecimentos antigos que ocorreram antes de meu nascimento. Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não somente porque as instituições foram modificadas, mas porque a tradição nelas subsiste muito viva em tal ou qual região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo em tal ou qual família (Halbwachs, 1990, p. 37)

Ao analisar o pensamento de Halbwachs, observa-se que a memória sobre o passado não é inteiramente individual. Ao recordar algo, a perspectiva de outros molda essa lembrança. Um exemplo disso é ao examinar a obra de Tezuka e questões como a perseguição ao povo judeu, onde a interpretação desses eventos é influenciada, podendo diferir da experiência daqueles que realmente viveram na época. Dessa forma, existem duas narrativas: uma pessoal e outra histórica. Enquanto a primeira é lembrada de maneira mais profunda, a segunda é aprendida de forma mais simplificada e esquemática, baseando-se em informações fragmentadas de pessoas que vivenciaram esses eventos.

Pollack (1992) destaca que a maioria das memórias contém marcos, ou seja, elementos fundamentais que permanecem quase idênticos e facilitam o acesso às vivências. Assim, ao narrar uma história repetidamente, certos detalhes podem sofrer pequenas alterações, enquanto alguns aspectos permanecem constantes. Esse fenômeno também é observado em experiências coletivas, nas quais algumas memórias se consolidam e se integram à identidade do indivíduo, enquanto outras podem variar conforme as mudanças nas testemunhas que compartilharam as mesmas experiências.

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (Pollack, 1992, p. 2)

Diante disso, é viável notar a segmentação da memória em níveis, começando pelas experiências mais pessoais e, posteriormente, trazendo à lembrança os eventos vividos na esfera pública. Assim, fica claro o porquê de ser mais simples relembrar momentos específicos da vida privada, enquanto as datas de eventos coletivos podem gerar confusões. Nesse cenário, Pierre Nora (1993) destaca os eventos significativos e apresenta duas categorias principais.

De um lado os acontecimentos, por vezes ínfimos, apesar de notados no momento, mas aos quais, em contraste, o futuro retrospectivamente conferiu a grandiosidade das origens, a solenidade das rupturas inaugurais. De outro lado, os acontecimentos onde, no limite, nada acontece, mas que são imediatamente carregados de um sentido simbólico e que são eles próprios, no instante de seu desenvolvimento, sua própria comemoração antecipada; [...] O acontecimento fundador ou o acontecimento espetáculo. Mas em nenhum caso o próprio acontecimento (Nora, 1993, p. 23)

Portanto, é possível entender a dificuldade da memória coletiva, já que muitos eventos em seu início podem parecer de pouca importância. Tezuka, ao estabelecer uma linha do tempo em sua obra, às vezes detalha as datas de certos acontecimentos, enquanto em outras ocasiões apenas menciona o ano sem fornecer informações mais específicas. Além disso, Tezuka revela uma de suas razões para criar sua obra, que Barros (2009) descreve como uma "memória histórica". De acordo com essa perspectiva, com a passagem do tempo, os eventos históricos tendem a ser esquecidos. Para evitar que essa memória se desvaneça, história e lembrança se entrelaçam em um processo de registro, visando preservar essas narrativas e controlar essas memórias, além de prevenir a repetição de tragédias.

Eu vivi a época da guerra, por isso sempre tive vontade de deixar um registro ao meu estilo daquela época. Quarenta anos depois é tempo suficiente para começar a esmaecerem as lembranças, o que me fez

sentir a necessidade de registrá-lo agora. As Crianças de hoje em dia vêem a II Guerra Mundial da mesma forma como encaram a Batalha de Sekigahara ou a Guerra Russo-Japonesa, ou seja, à distância, através dos livros de história. Mas no meu caso aquilo não foi história, foi realidade. A cada ano que passa a menos gente capaz de contar o que aconteceu naquela época. Por isso eu quis fazer a minha parte, deixando um mangá para a posteridade (Tezuka, 2007, p. 250).

Roger Chartier (1990) enfatiza a relação entre representação e memória, destacando a função da imagem como um registro de um instante específico que impacta o imaginário humano e oferece uma compreensão mais profunda de um tema particular, transformando a imagem em uma memória visual. Sob essa ótica, é possível analisar as imagens criadas por Osamu Tezuka em seu mangá não como um retrato totalmente preciso da Segunda Guerra Mundial, mas sim como um espelho de suas recordações desse período. Isso se torna claro ao ler o posfácio, onde Tezuka revela que o mangá é uma expressão de suas lembranças da guerra para as futuras gerações. Para Chartier, todas as ações humanas podem ser vistas como representações moldadas pela mentalidade da sociedade da época, e a história cultural tem o papel de “[...] identificar como, em diferentes contextos e períodos, uma certa realidade social é construída, pensada e compartilhada” (Chartier, 1990, p. 16-17). Assim, conforme Chartier sugere, cabe aos historiadores compreenderem a formação da sociedade em análise, levando em conta suas características únicas que a distinguem das demais.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 1990, p. 17).

As representações, conforme descrito por Chartier como um resultado dos poderes hegemônicos que dominam a sociedade, podem ser analisadas sob essa ótica ao examinar a Alemanha Nazista. Nesse contexto, o regime totalitário de Adolf Hitler moldou a mentalidade da população, cultivando um sentimento de segregação, especialmente em relação aos judeus, que se tornou uma marca distintiva desse período histórico no país. “As visões sociais não são meramente discursos isentos de valor: elas geram estratégias e práticas (sociais, educacionais, políticas) que tendem a impor uma autoridade em detrimento de outros [...]” (Chartier, 1990, p. 17).

Ao examinar a obra de Tezuka como uma fonte histórica, é fundamental compreender a estrutura dos quadrinhos e mangás para realizar uma análise consistente da obra. Isso evita distorções na interpretação entre o leitor e o autor, uma vez que se trata

de um meio em que as imagens possuem um peso equivalente ao das palavras. Além disso, como essa obra reflete um momento específico da história, é crucial uma investigação mais detalhada do que o criador deseja transmitir. A respeito da utilização das imagens, Will Eisner ressalta:

A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes (Eisner, 1989, p. 13).

Dentro desse cenário, como mencionado por Eisner, as histórias em quadrinhos ressaltam a importância de se ter uma compreensão histórica do período da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos políticos, sociais e econômicos. Isso é fundamental para entender as relações que o autor desejou transmitir nas páginas do mangá. Assim, nota-se um aumento da relevância das fontes visuais, já que o avanço tecnológico contínuo possibilita o acesso a uma vasta gama de imagens, revelando realidades por meio de representações estéticas que podem ilustrar eventos político-sociais. Em relação às imagens, Napolitano observa:

[...] A força das imagens, mesmo que quando puramente ficcionais tem a capacidade de criar uma “realidade” em si mesma, ainda que limitada ao mundo da ficção [...]. Em alguns casos, o historiador pode reproduzir esse fetiche em seu trabalho de análise, o que fica claro nos casos em que a análise é pautada pela avaliação do grau de “realismo” e “fidelidade” (Napolitano, 2008, p. 237).

Conforme ele argumenta, é essencial entender a fidelidade das imagens e o que elas pretendem comunicar por meio da subjetividade do autor. Portanto, é vital analisar o contexto histórico refletido nos traços do mangaká e levantar questionamentos como: quais eram as intenções de Tezuka ao ilustrar as Olimpíadas de 1936 na Alemanha? Ou ainda, como ele retratou os momentos de tensão da Guerra Sino-Japonesa, considerada o marco do início da Segunda Guerra Mundial na Ásia? Poderia ser que suas recordações se manifestassem em suas ilustrações, refletindo suas vivências desse período conturbado? Assim, cabe à historiografia investigar as conexões entre a obra e a realidade histórica.

Figura 1: ADOLF HITLER DISCURSANDO



Fonte: Adolf, volume 01, 2006, p. 76

Peter Burke (2004), em seu livro *Testemunha ocular*, discute como as imagens possuem o potencial de oferecer provas sobre eventos, sejam eles de grande ou pequena escala, permitindo que os “leitores de imagens” sejam testemunhas dessas situações. Nesse sentido, o mangá de Tezuka (figura 1) transporta o leitor para o conturbado período que precedeu e durante a guerra, ilustrando as reações da sociedade aos acontecimentos bélicos, como o receio de bombardeios em suas cidades e o temor da população judaica frente à perseguição das forças alemãs. Tais imagens funcionam como vestígios de ações reais; embora não sejam exatamente fiéis, sua subjetividade e significado ajudam a inserir o leitor em uma época remota, permitindo-lhe observar esses eventos como se estivesse experimentando-os através das memórias de Tezuka.

Assim, o mangá de Tezuka, enquanto fonte histórica, não terá um significado intrínseco. Contudo, conforme destaca Boschi (2007), é dever do historiador reconhecer e atribuir valor a essa fonte. Isso implica na importância de formular as perguntas adequadas para se chegar às respostas desejadas. Portanto, é fundamental conhecer a fonte, seu contexto de criação e o autor responsável por sua elaboração, visto que o autor é influenciado por experiências que moldam sua perspectiva. Compreender a vida de Tezuka é essencial para entender sua obra como uma representação de suas memórias.

Nesse contexto, faz importante entender o mangá como uma fonte que por meio de sua narrativa apresentam uma rica forma de construção social e cultural. Moraes (2016) expõe que por meio do mangá podemos perceber que saberes, valores e sensibilidade são intercambiados pela narrativa do autor, dessa forma os mangás se tornam uma fonte inovadora e ainda pouco explorada.

2.2. O surgimento do “deus do mangá”

Osamu Tezuka (手塚 治虫; 3 de novembro de 1928 - 9 de fevereiro de 1989) foi um mangaká japonês nascido na cidade de Toyonaka, no distrito de Osaka, tendo se mudado para a cidade de Takarazuka aos cinco anos de idade. Pertencente a uma família de classe média, seus pais o influenciaram a ser uma criança criativa levando Tezuka a peças e consertos, além disso, sofreu grande influência dos desenhos americanos, como o *Mickey Mouse*, *O marinheiro Popeye* e *Betty Boop*, bem como também de outras animações de Walt Disney.

Figura 2: SISTEMA SOLAR DE OSAMU TEZUKA



Fonte: Waka no Sekai

Desde pequeno, Tezuka já criava histórias em quadrinhos cômicas para seus amigos da escola, inspirando-se em pessoas próximas, como seus pais e educadores. No entanto, durante sua adolescência, ele passou pela experiência da Segunda Guerra Mundial, um evento que o impactou profundamente e despertou nele um forte sentimento humanista, assim como um anseio pela paz e pela vida, temas que permeiam suas obras. A respeito disso, Schmidt (2012) chama a atenção para a necessidade de entender o indivíduo e sua atuação no contexto que está inserido, já que sem a compreensão de suas experiências, seria impossível compreender as motivações intrínsecas de sua obra, enfatizando como o contexto pode influenciar o indivíduo, mas destacando também, como o contexto pode ser influenciado pelo indivíduo e suas múltiplas relações sociais.

Posto isso, em 1945, Tezuka decidiu ingressar na Faculdade de Medicina, tanto para evitar o alistamento militar quanto para assegurar um futuro mais estável para sua família. Durante o período da faculdade, ele começou a lançar suas primeiras obras em Yonkoma (mangá de quatro quadros), que foram publicadas no Shokokumin Shimbun, o jornal escolar da Mainichi. Alguns anos mais tarde, Tezuka iniciaria a publicação de séries que se tornariam icônicas para diversas gerações de crianças e jovens no Japão: Jungle Taitei (Kimba, o Leão Branco) em 1950; Tetsuwan Atomu (Astro Boy) em 1952; e Ribon No Kishi (A Princesa e o Cavaleiro) em 1953. Essas obras apresentavam uma característica marcante: personagens com grandes e brilhantes olhos (figura 2), que melhoravam a expressão dos sentimentos. Seus escritos conquistaram o público em um Japão pós-guerra, que enfrentava dificuldades econômicas e buscava formas acessíveis de entretenimento, sendo publicados em papéis de qualidade inferior devido à escassez de materiais. A respeito da influência de Tezuka nesse período, Winterstein (2010) aponta que:

O homem reverenciado pelos japoneses como o “Deus do mangá” foi movido pela ideia de que o mangá e o anime deveriam ser reconhecidos como parte da cultura japonesa. Tezuka foi o primeiro a querer dar aos quadrinhos uma narrativa mais dinâmica e que se aproximasse mais da narrativa do cinema com o objetivo de emocionar seus leitores [...]. Foi ele o primeiro mangaká a desenhar seus personagens com olhos grandes (traço que, posteriormente se tornou característico, dos mangás), a escrever e desenhar histórias com temas adultos (Winterstein, 2009, p. 15)

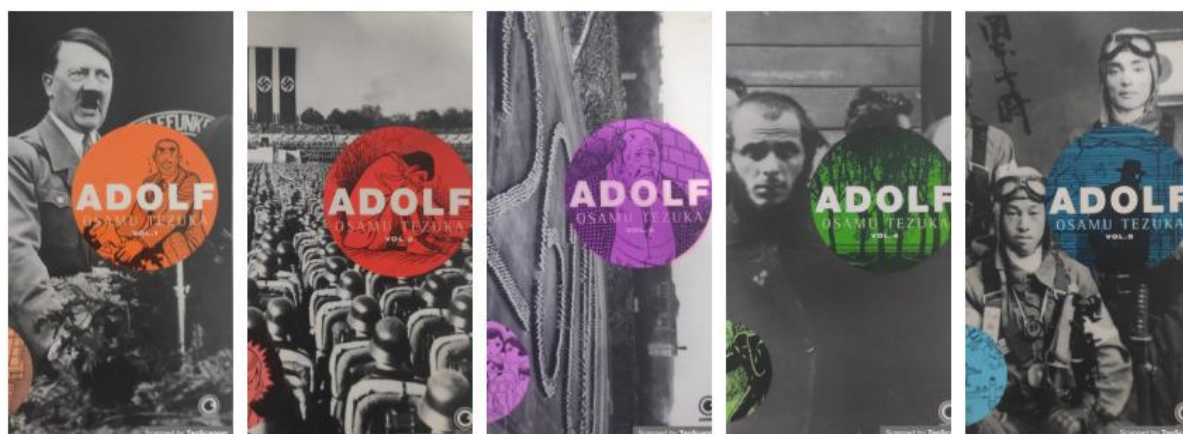
Este ponto observado por Winterstein se manifesta em Adolf com uma narrativa voltada para o público adulto, em um cenário permeado pelo medo, pela perseguição e

pela guerra. A obra explora como esses conflitos influenciam a percepção de mundo de seus personagens, ambos chamados Adolf, e como suas experiências na guerra moldam suas visões e trajetórias. Ademais, Adolf oferece uma variedade de cenas dinâmicas que criam a impressão de um universo vivo para o leitor, a partir das diferentes perspectivas e ângulos apresentados por Tezuka. Moraes aponta como esse dinamismo foi um ponto de inflexão:

Com seu estilo único, causou grande impressão no desenhistas e leitores da época, pois até aquele momento os mangakás desenhavam os personagens de corpo inteiro a partir de um ponto, de modo estático, como se filmados com uma câmera fixa. Esse modo de retratar as cenas é inspirado em técnicas utilizadas nos primeiros filmes japoneses, do final do século XIX que, por sua vez, foram desenvolvidas a partir de encenações do teatro kabuki, onde o foco recai no ponto central do palco. Em todo o decurso de seus quadrinhos, Tezuka alterava constantemente o ponto de vista do leitor, ao imitar os efeitos de câmera em ação, criando efeitos tridimensionais e closes (Moraes, 2016, p. 39)

Como é expresso por Moraes, Tezuka revolucionou no pós-guerra, a maneira não somente de produzir mangás, mas também a forma de consumi-los aproximando a forma de narrativa do cinema, com colunas verticais dentro das páginas para que parecesse com sequencias cortadas de um rolo de filme.

Figura 3: CAPAS DE ADOLF



Fonte: Arquivo pessoal

Publicada entre 1983 e 1985, e no Brasil pela editora Conrad (figura 3) e pela Pipoca & Nanquim, a obra "Adolf" (アドルフに告ぐ) narra a vida de três homens com o mesmo nome. Um deles é um japonês filho de imigrantes judeus, outro é seu amigo,

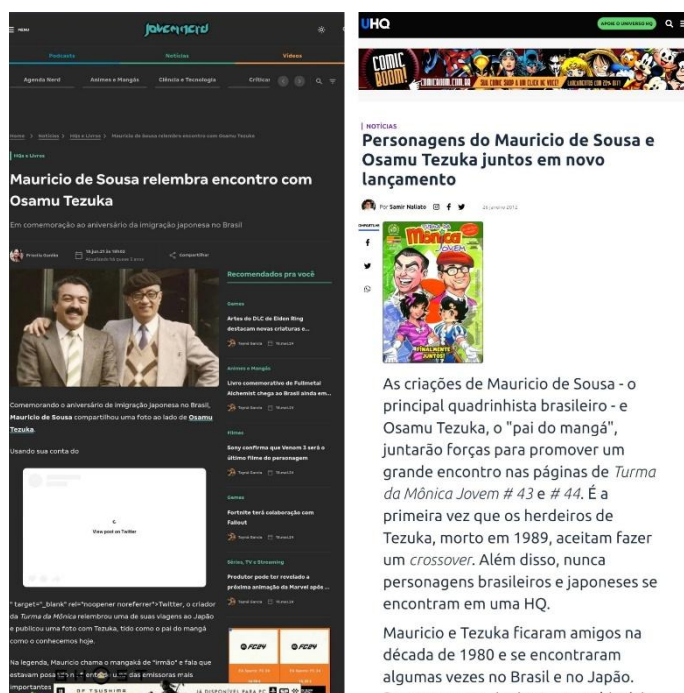
que é descendente de um oficial nazista que atuava no consulado alemão em Kobe, e o terceiro é o próprio Adolf Hitler. Com uma arte no estilo gekigá⁴, mas mantendo o estilo característico de Tezuka, a história avança em um ritmo de mistério policial, que tem início com o assassinato de um estudante vinculado a grupos de esquerda. Esse estudante possuía informações explosivas sobre Hitler, insinuando sua ascendência judaica, o que poderia comprometer o regime nazista. A trama entrelaça as vidas dos três Adolf e apresenta Sohei Toge, um jornalista que atua como narrador na narrativa de Tezuka. Assim, a obra transita entre a Alemanha nazista e o Japão Imperial, utilizando as memórias de Toge que, de certa forma, representa Tezuka ao compartilhar sua perspectiva sobre esse período histórico.

Nas capas da edição da Conrad, destaca-se a escolha de fotografias autênticas da época para ilustrar os volumes da obra. Essa decisão chama a atenção dos leitores de maneira imediata, transmitindo desde o início o peso emocional que permeia a narrativa e introduzindo-os a essa realidade ao apenas observar a capa. Alberto Manuel (2001) ressalta a necessidade de confrontar o Holocausto e os conflitos bélicos, reconhecendo que esses eventos estão profundamente enraizados na história da humanidade, como uma árvore tóxica da qual, no entanto, é possível recomeçar. Assim, ao optarem por essas imagens nas capas, é despertada no leitor a relevância de compreender esse período da história e suas consequências. No posfácio, Tezuka enfatiza a necessidade de se lembrar da guerra, considerando-a o grande pecado da humanidade, sem um lado que esteja correto. Ele argumenta que a narrativa não se restringe apenas ao conflito, mas também à busca por justiça, destacando como a guerra resulta na destruição dos valores humanos.

Com um imenso legado no Japão, Tezuka também alcançou êxito além de suas fronteiras, dedicando-se a promover os mangás mundialmente e a estreitar laços com escritores de outras nações. Em uma de suas visitas ao Brasil na década de 1980, ele participou de uma exposição e uma palestra na Associação Brasileira de Desenhistas de Mangá e Ilustrações (ABRADEMI), o que resultou em uma amizade com o cartunista brasileiro Maurício de Sousa.

⁴ Gênero que surgiu ainda durante a década de 1950 para se diferenciar dos quadrinhos voltados para o público infanto-juvenil. O termo gekigá, inclusive, passou a ser usado para fazer oposição ao mangá, que era uma denominação genérica para toda a produção de quadrinhos dessa época no Japão. O gekigá é um gênero direcionado para o público adulto e por isso mesmo seus temas são mais densos. Seu traço é mais pesado e menos cartunesco, semelhante as Graphic Novels.

Figura 4: NOTÍCIAS SOBRE OSAMU TEZUKA E MAURÍCIO DE SOUSA



Fonte: Jovem Nerd e Universo HQ

Conforme destaca Luyten (2014), Tezuka desempenhou um papel fundamental na difusão dos mangás e se destacou pela sua impressionante produtividade, produzindo mais de 400 volumes e ultrapassando 80 mil páginas, a maioria das quais nunca foi traduzida do japonês, permanecendo fora do alcance dos leitores ocidentais. Essa intensa dedicação ao trabalho fez com que Tezuka muitas vezes negligenciasse sua alimentação, o que resultou em um câncer de estômago que o debilitou e o levou a ser hospitalizado. Ele faleceu em fevereiro de 1989, deixando um legado que impactou muitos autores, incluindo Akira Toriyama⁵. Em 1994, foi inaugurado em Takarazuka um museu em sua honra, exibindo várias obras escritas e publicadas por ele.

⁵ Akira Toriyama (1955–2024) foi um dos mais importantes autores de mangá do Japão, com destaque para sua atuação como roteirista, ilustrador e designer. Iniciou sua carreira na revista Weekly Shōnen Jump com a obra Dr. Slump (1980), mas alcançou projeção internacional com a criação de Dragon Ball (1984–1995), considerada uma das séries mais influentes da história dos quadrinhos e da animação japonesa. Seu trabalho consolidou os padrões do gênero shōnen, integrando elementos de ação, humor e fantasia em narrativas marcadas por personagens carismáticos e sequências visuais dinâmicas. Além dos mangás, Toriyama atuou como designer de personagens em jogos eletrônicos de grande relevância, como Dragon Quest, Chrono Trigger e Blue Dragon. Sua contribuição foi fundamental para a expansão global da cultura pop japonesa, influenciando diversas gerações de artistas e consumidores de mídia.

Tezuka teve um papel fundamental na difusão dos mangás, tanto no Japão quanto internacionalmente, sendo celebrado como o mais influente mangaká da história. Nesse cenário, destaca-se a relevância de um autor de prestígio abordar a temática da Segunda Guerra Mundial, enfatizando a importância de recordar os horrores desse período para prevenir sua repetição. O próximo capítulo, portanto, busca analisar como Alemanha e Japão se estruturaram no início do século XX e as trajetórias que os levaram até a Segunda Guerra Mundial, incluindo a ascensão de Hitler e o fortalecimento do militarismo japonês.

3. ERA DE TURBULÊNCIA: A ALEMANHA E JAPÃO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

Para analisar a condição da Alemanha e do Japão no século XX, é fundamental considerar o panorama global. Antes de 1914, as principais potências europeias ainda não haviam se confrontado em um grande embate. No entanto, ocorreram algumas ações limitadas de imperialismo, na qual tanto a Alemanha quanto o Japão se empenhavam em expandir suas influências. Enquanto a Inglaterra enfrentava um processo de retrocesso econômico, na Europa, na Ásia, buscavam a expansão territorial, especialmente na China. Nesse sentido, Hobsbawm destaca que:

“Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos — inclusive a geração dos pais deste historiador, ou pelo menos de seus membros centro europeus — se recusaram a ver qualquer continuidade com o passado. “Paz” significava “antes de 1914”: depois disso veio algo que não mais merecia esse nome. Era compreensível. Em 1914 não havia grande guerra fazia um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grandes potências, ou mesmo a maioria delas, sendo que os grandes participantes do jogo internacional da época eram as seis “grandes potências” européias (Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria-Hungria, Prússia — após 1871 ampliada para Alemanha — e, depois de unificada, a Itália), os EUA e o Japão.” (Hobsbawm, 1997, p. 25)

A alteração desse cenário, que se observa no final do século XIX e no início do século XX, ocorreu principalmente após a Primeira Guerra Mundial em 1914. Este conflito, que quase toda a Europa vivenciou, extrapolou suas fronteiras e teve um papel fundamental na configuração do continente europeu atual. Dessa maneira, o século XX testemunhou guerras em uma magnitude sem precedentes em comparação aos séculos anteriores. Como Hobsbawm menciona, a história desse século está profundamente relacionada à guerra, especialmente em seus primeiros anos, marcados por um conflito mundial que se estendeu por quase 31 anos, onde, mesmo durante os períodos menos intensos, a ansiedade e o temor da guerra continuavam presentes no imaginário coletivo.

O objetivo deste texto é examinar a situação da Alemanha e do Japão no intervalo entre as guerras e as razões que levaram os dois países a se envolverem no conflito. Ademais, será analisado como Tezuka utiliza esses contextos em suas obras para situar o leitor, mesclando elementos da realidade com a ficção.

3.1. A Alemanha e formação do Terceiro Reich

A Alemanha após a sua unificação⁶ no final do século XIX, passa a se apresentar como uma das principais potências europeias influenciada a partir da dominação dos impérios vizinhos e pelos ideais. A partir desse ponto, Sader afirma que “se o colonialismo havia sido o fenômeno essencial para compreender a história da humanidade nos séculos anteriores, o século XX será o século do imperialismo.” (Sader, 2000, p. 27). Desse modo a história alemã coincidirá com a história do século XX e se tornará fonte primeira para a percepção do período que Eric Hobsbawm (1994) chama de “A era da guerra total”:

As origens da Segunda Guerra Mundial produziram uma literatura histórica incomparavelmente menor sobre suas causas do que as da Primeira Guerra, e por um motivo óbvio. Com as mais raras exceções, nenhum historiador sério jamais duvidou de que a Alemanha, Japão e (mais hesitante) a Itália foram os agressores (Hobsbawm, 1994, p. 35)

É perceptível que as origens da Segunda Guerra Mundial estão profundamente conectadas à Alemanha e ao Japão, considerados os principais culpados, uma vez que os aliados estavam ansiosos para prevenir a eclosão do conflito, temendo uma guerra de dimensões ainda mais amplas. Portanto, este capítulo pretende abordar as motivações alemãs e japonesas na guerra, já que ambas representam o foco central da narrativa na obra de Osamu Tezuka.

Para compreender o contexto histórico do mangá Adolf, é fundamental analisar as razões que impulsionaram os alemães, culminando no maior conflito da história da humanidade. É crucial estudar o período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, que deu origem à ascensão de Adolf Hitler como chefe do governo alemão. Assim, percebe-se que as duras condições impostas à rendição da Alemanha tiveram um impacto significativo na posterior criação do regime nazista:

Em novembro de 1918, a maioria dos alemães esperava que, uma vez que a guerra havia chegado ao fim antes de os aliados pisarem em solo alemão, os termos em que a paz se basearia seriam relativamente moderados. [...]. Mas ninguém estava preparado para os termos de paz com que a Alemanha foi forçada a concordar no armistício de 11 de novembro de 1918. Todas as tropas alemãs foram forçadas a recuar para

⁶ Possuindo como figura centrais Guilherme I, imperador da Prússia e seu primeiro-ministro Otto Von Bismarck a unificação alemã ocorreu a partir de sucessivas guerras entre países da então confederação germânica e depois contra França, com a primeira guerra ocorrendo em 1864, conhecida como a Guerra dos Ducados, resultando na anexação de territórios dinamarqueses pela Prússia. O segundo conflito, ocorre em 1867, conhecido como a Guerra Austro-prussiana, que acabou por expulsar a Áustria da confederação germânica. Por último, a fase final da unificação alemã, ocorre na chamada Guerra Franco-prussiana, entre 1870 e 1871, motivado por desentendimentos devido à sucessão do trono espanhol e o interesse francês em estados do sul da confederação. O resultado foi a derrota francesa e a unificação alemã, bem como também o sentimento de revanchismo da França na Primeira Guerra Mundial.

o leste do Reno, a frota alemã teve que se render aos aliados, uma enorme quantidade de equipamento militar precisou ser entregue, o Tratado de Brest-Litovsk teve que ser repudiado e a Frota de Alto-Mar alemã foi obrigada a se render aos aliados junto com todos os submarinos alemães. Nesse ínterim, para garantir a submissão, os aliados mantiveram o bloqueio econômico à Alemanha, piorando uma já medonha situação de desabastecimento de alimentos. O embargo não foi abandonado até julho do ano seguinte. (Evans, 2010, p. 50)

Ao analisar o desejo de vingança dos líderes mais influentes da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, torna-se claro como o regime de Hitler conseguiu se firmar na mente do povo, que, em seus piores pesadelos, não poderia imaginar a profundidade da derrota sofrida por sua nação. Tezuka, em sua obra, enfatiza repetidamente um sentimento nacionalista que serviu como uma das principais armas para que Hitler e o partido Nazista conseguissem angariar o apoio da população para suas propostas. No período pós-guerra, a situação na Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, demonstrava um quadro de caos em todos os setores: político, econômico e social, com o país à beira de uma guerra civil e as lideranças remanescentes lutando para controlar a desordem. Evans (2010) ressalta a incredulidade e a revolta da população em relação ao Tratado de Versalhes⁷.

Antes da assinatura do tratado, o império alemão, em novembro de 1918, passava por um período de mudança, com a formação de um governo provisório após a abdicação do Kaiser Guilherme II. A Alemanha vivia um clima de tensão por diversas forças: à direita, os sociais-democratas e os militares estavam descontentes com a derrota na guerra e desejavam anular o tratado. À esquerda, os defensores do socialismo, sob a liderança de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, viam a Revolução de 1917 na Rússia como uma inspiração e acreditavam que os acontecimentos de 1918 poderiam guiar a nação rumo ao futuro. No entanto, a insurreição da esquerda foi reprimida pelos sociais-democratas, que em novembro do mesmo ano proclamaram a República de Weimar, tendo o chanceler eleito Friedrich Ebert como figura central responsável pela administração desse período de transição. Entretanto, o Tratado de Versalhes, assinado em 1919, intensificou ainda mais as tensões, impondo diversas limitações à nova república, conforme aponta Evans:

Medo e ódio regiam os dias na Alemanha ao final da Primeira Guerra Mundial. Batalhas com armas de fogo, assassinatos, revoltas, massacres e inquietação civil negavam aos alemães a estabilidade necessária para

⁷ Assinado em 1919, o Tratado de Versalhes teve como motivos, estabelecer as fronteiras da Europa após a Primeira Guerra Mundial e as indenizações impostas ao império alemão. Além disso foi marcado pelo revanchismo francês após a derrota para a Alemanha na Guerra Franco-prussiana, bem como também teve como resultado a criação da Liga das Nações.

que uma nova ordem democrática pudesse florescer. Contudo, alguém tinha que tomar as rédeas do governo após a abdicação do *Kaiser* e o colapso do Reich criado por Bismarck. Os social-democratas meteram-se na brecha. Um grupo de lideranças do movimento operário emergiu da confusão do início de novembro de 1918 para formar um Conselho dos Delegados do Povo. Unindo ao menos por um breve período as duas alas do movimento social-democrata (a maioria, que havia apoiado a guerra; e os independentes, que haviam se oposto), o conselho foi liderado por Friedrich Ebert, funcionário de longa data do Partido Social-Democrata (Evans, 2010, p. 58).

Nesse contexto, é possível observar o cenário que deu origem ao nazismo, caracterizado por um radicalismo político, violência e diversas correntes revolucionárias que promoviam constantes transformações no sistema político, minando a nova república. “[...] durante a República de Weimar, as trocas de governo eram bastante comuns. Entre 13 de fevereiro de 1919 e 30 de janeiro de 1933, houve ao menos vinte diferentes administrações, cada uma delas com uma duração média de 239 dias, ou seja, pouco menos de oito meses.” (EVANS, 2010, p. 61). Ademais, a crise de 1929 atingiu severamente a Alemanha, que ainda passava por um processo de recuperação, resultando em uma desvalorização significativa da moeda alemã, fenômeno que pode ser observado através das seguintes considerações do autor:

No seu auge, a hiperinflação pareceu aterrorizante. O dinheiro perdeu o significado quase por completo. As máquinas impressoras eram incapazes de dar conta da produção de notas promissórias bancárias de denominações cada vez mais astronômicas, e os municípios começaram a imprimir seu próprio dinheiro de emergência, usando apenas um lado do papel. Os empregados juntavam seus salários em cestas de compra ou carrinhos de mão, de tão numerosas que eram as notas promissórias bancárias necessárias para perfazer seus pagamentos, e na mesma hora corriam para as lojas para comprar mantimentos antes que a arremetida contínua do valor do dinheiro os deixasse, fora do alcance (Evans, 2010, p. 72).

Nesse tempo, o partido nazista já estava ativo e o jovem Adolf Hitler se deparou com uma situação que o incomodava profundamente. Ele vislumbrou uma nova chance em um evento na cervejaria Burgerbraukeller, em Munique, na Baviera, onde o ex-primeiro-ministro Gustav von Kahr realizaria um discurso. Kahr havia rejeitado a sugestão de Hitler de organizar uma marcha em Munique, seguindo o exemplo de Benito Mussolini e sua marcha em Roma. Segundo Shirer:

o *meeting* da cervejaria proporcionaria a oportunidade, perdida no dia 4 de novembro, de apanhar todos os três membros do triunvirato e, sob a mira de uma pistola, obrigá-los a juntar-se aos nazistas na consecução da revolução. Hitler decidiu agir sem demora. Os planos para a mobilização do dia 10 de novembro foram cancelados e as tropas de

assalto precipitadamente postas de prontidão para a missão na grande cervejaria (Shirer, 2008, p. 104).

O Putsch⁸ da cervejaria foi um fracasso retumbante para Hitler, que falhou em persuadir os líderes da Baviera a se juntarem ao partido nazista e ao movimento revolucionário por ele proposto. Como resultado, ele foi preso e submetido a um julgamento por traição. Contudo, conforme observou Shirer, essa derrota na Baviera apenas representou um intervalo para Hitler. Durante sua defesa no tribunal, ele conseguiu transformar a pena de prisão perpétua, prevista na constituição alemã para quem tentasse um golpe estatal, em apenas cinco anos, sendo libertado apenas nove meses depois.

Apesar de sua derrota, Hitler começou a ser considerado um herói em função de suas crenças ultranacionalistas. Segundo a análise de Shirer:

As sentenças foram lavradas no dia 1º de abril de 1924 e, após pouco mais de nove meses, a 20 de dezembro, Hitler viu-se solto da prisão, livre para reiniciar sua luta pela destruição do Estado democrático. As consequências do delito de alta traição, praticado por elementos da extrema direita, não foram excessivamente pesadas, a despeito da lei, e muitos antirrepublicanos ficaram cientes disso (Shirer, 2008, p. 118)

Com o prestígio adquirido por Hitler após os eventos do Putsch da cervejaria e o seu livro *Mein Kampf* (*Minha luta*), escrito no período em que se encontrava em cárcere onde destacava seu plano para a Alemanha de divisão por raças, o partido nazista entrou em um processo de reconstrução abarcando cada vez mais seguidores. Dessa maneira os nazistas passaram a ganhar cada vez mais cadeiras no parlamento até as eleições presidenciais de 1932, onde Hitler se via entre a cruz e a espada ao disputar com o então atual presidente Paul Von Hindenburg. A partir disso, Shirer considera que:

Concorrer com o marechal e ser derrotado — como quase com certeza seria — não representaria arriscar a reputação de invencibilidade que os nazistas vinham construindo em sucessivas eleições provinciais desde seu espetacular triunfo no pleito nacional de 1930? Por outro lado, não concorrer não constituiria confissão de fraqueza, demonstração de falta de confiança no fato de estar o nacional-socialismo as portas do poder? Havia outra coisa a considerar. Hitler,

⁸ Importante incidente acontecido em 1923, em Munique na região da Baviera, em uma importante cervejaria, a Bürgerbräukeller, que havia se tornado ponto de encontro para eventos políticos. sabendo disso Hitler e o partido nazista, utilizando de duas figuras importantes: Gustav Von Kahr e Eric Ludendorff, a ideia era ter essas duas figuras como símbolos do golpe e por final marchar até Berlim, semelhante ao que Mussolini havia feito na Itália. Entretanto a polícia da Baviera ignorou as figuras proeminentes de Von Kahr e Ludendorff e atirou contra os manifestantes do partido nazista, suprimindo em menos de duas horas a tentativa de golpe o que resultou na prisão de Hitler por alta traição, período no qual este se dedicou a escrever *Mein Kampf*.

na ocasião, não era ao menos elegível para poder candidatar-se. Não era cidadão germânico (Shirer, 2008, p. 218).

Conforme Hitler havia previsto, sua derrota aconteceu, mas não antes de conquistar resultados favoráveis em relação a Hindenburg, o que fortaleceu ainda mais sua reputação política, especialmente em um período conturbado sob a presidência do então líder, que enfrentava questionamentos por conta de sua idade. Além disso, é importante ressaltar o aumento no número de apoiadores do Partido Nazista, elevando a popularidade de Hitler, que prometia uma Alemanha poderosa. Tanto Shirer (2008) quanto Evans (2010) destacam que essa crescente popularidade atraiu a atenção dos políticos conservadores da Alemanha, que buscavam explorar seu prestígio para interesses pessoais. Assim, por meio de um acordo com esses líderes políticos, Hitler assume o cargo de chanceler da Alemanha em janeiro de 1933, cargo que ocupa até sua morte em 1945. Conforme Shirer:

Nenhuma classe, grupo ou partido, na Alemanha, poderia eximir-se de sua parcela de responsabilidade pelo abandono da república democrática e o advento de Adolf Hitler. O erro fundamental dos alemães que se opuseram ao nazismo foi o de não terem conseguido unir-se contra ele. No auge de seu prestígio popular, em julho de 1932, os nacional-socialistas tinham atingido apenas 37% da votação (Shirer, 2008, p. 254).

Com a morte do presidente Hindenburg em 1934, Hitler assume o comando com plenos poderes, consolidando o III Reich. Nesse contexto, a Alemanha inicia um significativo investimento em infraestrutura, buscando revitalizar uma economia que enfrentava dificuldades. Esse esforço resulta na redução do desemprego, que passa de 6 milhões em 1933 para 1 milhão em 1937. Simultaneamente, o processo de nazificação se intensifica, elevando o Partido Nazista à condição de partido oficial do Estado. "A imensa maioria dos alemães parecia desconsiderar a perda de sua liberdade pessoal, a devastação de sua cultura, que foi em grande parte substituída por uma barbárie sem sentido" (SHIRER, 2008, p. 314). Assim, é possível observar como o Partido Nazista conseguiu transformar a situação a seu favor, em grande parte graças ao trabalho de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda, que promovia uma imagem positiva do governo.

Enquanto Hitler conseguiu dominar a situação política e econômica internamente, a comunidade internacional observava a Alemanha com ceticismo, especialmente em razão das atrocidades cometidas contra o povo judeu. Nesse contexto, os Jogos Olímpicos de 1936 foram iniciados, representando uma chance para Hitler alterar a percepção global

sobre o nazismo. Ele realizou investimentos maciços em infraestrutura e promoveu o esporte, acreditando que o triunfo da Alemanha nas Olimpíadas seria considerado uma vitória do regime nazista. Segundo Evans:

Hitler de início estava cético. Esporte por si só não tinha apelo para a ideologia nazista, e ele achou o internacionalismo do evento altamente suspeito. Mas, quando foi montada uma campanha de boicote, em especial nos Estados Unidos, devido ao tratamento dos judeus pelo Terceiro Reich, ele percebeu que transferir os jogos para outro lugar seria extremamente prejudicial, e que sua realização na Alemanha proporcionaria uma oportunidade imperdível de influenciar a opinião pública mundial em favor do Terceiro Reich (Evans, 2011, p. 758)

Tezuka ilustra esse instante de maneira bastante nítida ao mostrar uma cena em que um repórter alemão declara: “Outra medalha de ouro para os alemães... isso está se revelando uma excelente propaganda para o nazismo, não concorda?” (TEZUKA, 2006, p. 18). Ao lado dessa afirmação, aparece uma imagem de Hitler sorrindo, evidenciando sua alegria pelas vitórias alemãs nas Olimpíadas.

Figura 5: ADOLF HITLER COMEMORANDO A VITÓRIA ALEMÃ NA MODALIDADE DE ARREMESSO DE MARTELO



Fonte: Adolf, volume 01, 2006, p. 18

Assim, ao sediar os Jogos Olímpicos, a Alemanha se posiciona diante do mundo como uma potência significativa, capturando a atenção da comunidade global. Nesse contexto, Hitler dá início a uma ampla militarização de suas forças armadas, desafiando os termos estabelecidos pelo Tratado de Versalhes, o que culminaria em uma série de invasões que levariam à eclosão da Segunda Guerra Mundial.

3.2. Japão e o projeto imperialista japonês

Após o término da Primeira Guerra Mundial, o Japão se viu em uma posição favorável devido à diminuição da influência das potências europeias no mercado asiático. De acordo com Henshall (2014), durante e após o conflito, o Japão triplicou suas exportações para a região e expandiu sua produção industrial em cinco vezes, iniciando o desenvolvimento de novas tecnologias. Isso parecia indicar um potencial para o domínio japonês na Ásia. No entanto, essa expectativa não se concretizou, já que o país enfrentou uma recessão, principalmente após a quebra da Bolsa de Nova York em 1929 e a gestão ineficaz do imperador Hirohito no início da era Showa⁹, o que desencadeou uma das piores crises econômicas da história japonesa. Segundo Henshall.

A chamada “economia dual” piorou, porque a diferença entre as enormes *zaibatsus* e as companhias mais pequenas era cada vez maior. A reconstrução depois do terremoto de Tóquio de 1923 proporcionou um breve impulso, mas a este seguiu-se em 1927, uma crise financeira que se assistiu à falência de um quarto dos bancos do Japão. A seda era ainda um artigo de exportação relevante, mas os preços baixaram subitamente mais da metade no final da década de 20 (Henshall, 2014, p. 156-157).

Ao analisar o Japão na transição da década de 1920 para a década de 1930, percebe-se como o país se adaptava à crise econômica que enfrentava, com uma população rural insatisfeita em função dos baixos níveis de vida e que se apoiava nas tradições japonesas. Os militares, por sua vez, eram cada vez mais solicitados nas áreas do campo. Ademais, eles olhavam com crescente suspeita para as mudanças políticas e econômicas, acreditando que os grandes interesses econômicos do país influenciavam significativamente a política e geravam corrupção interna. “O Japão tornou-se cada vez mais dependente do comércio e dos investimentos em suas zonas de influência,

⁹ Período compreendido de dezembro de 1926 a janeiro de 1989 que se refere ao imperador Showa, Hirohito, sendo este o maior tempo de reinado de todos os imperadores japoneses anteriores.

especialmente da Manchúria, que já em 1910 correspondia a 40% do comércio com a China” (MAGNO, 2015, p. 42). Em decorrência disso, evidenciam-se as adaptações do Japão a modelos ocidentais, o que gerou críticas de diversos setores. Para Henshall:

Muitos apontavam a influência ocidental como a verdadeira fonte de corrupção, considerando em bloco como males ocidentais coisas tão diversas como as instituições parlamentares, os grandes negócios, o individualismo e o estilo de vida urbano relativamente liberal. Havia uma insatisfação crescente com o que o Japão tinha exatamente obtido com a sua adoção dos sistemas econômico e político, sobretudo tendo estes fracassados claramente em travar a grande depressão no Ocidente (Henshall, 2014, p. 157)

Assim, já se estabeleciam as bases que levariam à invasão do Japão nos territórios chineses, gerando o conflito sino-japonês. Essa insatisfação se intensificou, especialmente devido à adoção por parte do Japão de sistemas políticos e econômicos ocidentais, que, segundo os japoneses, falharam em enfrentar a Grande Depressão desencadeada pela crise da bolsa em 1929. Contudo, Henshall (2014) observa que a ascensão de Hitler e Mussolini na Europa indicava que uma abordagem menos democrática poderia ser a solução. Com isso, setores militares passaram a enfatizar cada vez mais a necessidade de expansão territorial, direcionando o olhar japonês para a China. Em 1931, ocorreu o incidente da Manchúria, onde tropas japonesas realizaram um ataque a uma ferrovia próximo a Mukden, no sudoeste da Manchúria, com o intuito de culpar os chineses e assim justificar a presença militar japonesa, sob as ordens de oficiais de alta patente do exército radical. De acordo com Magno:

Entre 1930 e 1935 ocorreram cinco tentativas de golpe perpetradas por oficiais do exército acompanhadas por tentativas e assassinatos de Ministros e políticos. O ápice desta disputa foi a tentativa de golpe conhecida como o Incidente de 26 de fevereiro de 1936. Nesta data cerca de 1500 militares em Tóquio ocuparam a sede do governo e tentaram ocupar o Palácio Imperial, além de atentarem contra a cúpula do gabinete e do conselho privado do Imperador, sucedendo no assassinio de dois ex-premiês. A rebelião militar só foi debelada após três dias e resultou no desmantelamento da Kodoha, identificada como responsável pela iniciativa (Magno, 2015, p.44)

O evento ocorrido em 26 de fevereiro de 1936 foi a última tentativa de golpe antes da eclosão da segunda guerra sino-japonesa. Magno (2018) destaca que, apesar de não ter conseguido seu intuito principal de sequestrar o Imperador Hirohito, o incidente promoveu um processo de unificação militar em torno da Toseiha, fechando assim a porta para o domínio civil sobre as forças armadas. Hirohito foi aconselhado a nomear o príncipe Konoe Fumimaro como uma maneira de evitar que os militares consolidassem

controle excessivo sobre o governo. No entanto, Konoe, que havia prometido adotar uma política externa de integração pan-asiática, viu um mês após assumir o cargo, a eclosão do incidente da ponte Marco Polo, quando tropas japonesas alegaram ataque de militares chineses, marcando o início da 2ª Guerra Sino-japonesa. “Em apenas um mês, houve uma escalada para a guerra aberta, mesmo que esta nunca tenha sido formalmente declarada” (Henshall, 2014, p. 167).

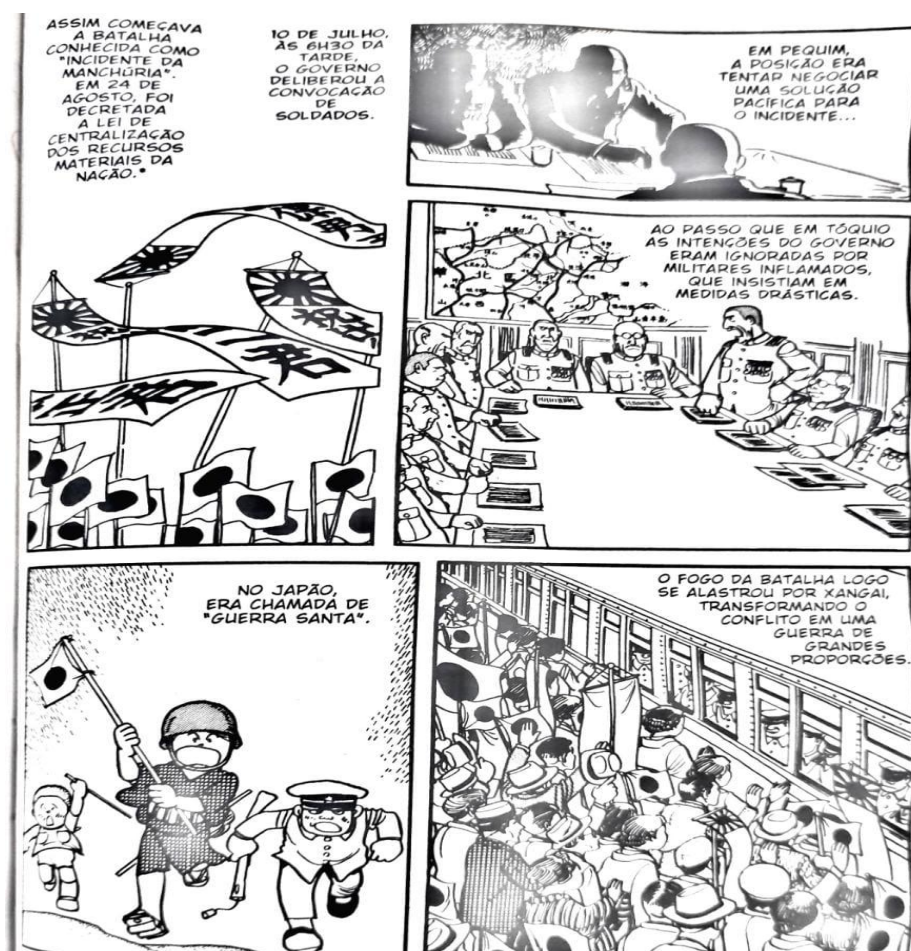
Figura 6: EXECUÇÃO DOS CULPADOS PELO GOLPE DE 26 DE FEVEREIRO DE 1936



Fonte: Adolf, volume 01, 2006, p. 115

Ao observar a figura 6, presente no primeiro volume da obra de Tezuka, é possível analisar a tensão que o autor expressa em um período de estabilidade política, marcado por repetidos golpes contra o governo japonês que ameaçavam a ordem no país. Na figura 6, Tezuka retrata o momento da execução dos golpistas como uma manifestação de poder, uma ação que, como já mencionado, mostrou-se ineficaz, uma vez que as ideologias golpistas se disseminaram nas Forças Armadas por meio da facção Toseiha. Além disso, Tezuka ressalta em sua narrativa o golpe de fevereiro de 1936 e suas consequências, notando que o expansionismo japonês se intensificou depois desse evento, culminando no Incidente da Ponte Marco Polo. Outro aspecto abordado em sua narrativa é a maneira como a população japonesa percebeu essa fase: “Contudo, a maioria das pessoas ainda se sentia enganada pela aparente paz de uma época marcada por tendências erótico-grotescas e cheia de contradições” (Tezuka, 2006, p. 115).

Figura 7: PREPARAÇÃO JAPONESA PARA A GUERRA



Fonte: Adolf, volume 01, 2006, p. 144

Em 1937, sem causar surpresa, o Japão iniciou a invasão da China, dando início a um conflito aberto que durou até 1945 (Hobsbawm, 1997, p. 119). Tezuka relata que, após o evento de fevereiro de 1936, o desejo de expansão do Japão tornou-se cada vez mais evidente, culminando no incidente da ponte Marco Polo. Nos quadros que ilustram a figura 7, o autor mostra que, apesar das tentativas do governo chinês de encontrar uma solução pacífica, os militares japoneses, que estavam ligados à facção Toseiha, optavam por ações mais enérgicas, exacerbando a tensão entre as duas nações. Ainda conforme Henshall:

Mesmo que o recontro inicial tivesse sido acidental, não houve qualquer tentativa do governo ou imperador japoneses para impedir a escalada. Longe disso, o primeiro-ministro Konoe Fuminaro (1891-1945) promoveu ativamente uma atitude beligerante face à China. A China, por seu lado com

um revitalizado Chiang Kai-Chek, também não estava disposta a recuar (Henshall, 2014, p. 167)

A postura dos generais japoneses ao adotar ações severas diante da recusa do governo chinês em se retirar se reflete nas obras de Tezuka, que mostram a perspectiva da população sobre a guerra, que se intensificou consideravelmente. No Japão, o conflito passou a ser denominado como santa Guerra. Um ponto relevante na criação de Tezuka é a forma como as crianças percebiam esse embate; um exemplo disso pode ser visto na figura 7, onde se observa crianças brincando de soldados com a bandeira japonesa em mãos.

Figura 8: CRIANÇAS JAPONESAS BRINCANDO DE GUERRA



Fonte: Adolf, volume 01, 2006, p. 145

Na imagem 8, é evidente o espírito nacionalista entre os jovens japoneses ao se engajarem em brincadeiras de guerra, o que, de certa forma, os colocava próximo ao cenário bélico e suas atrocidades, especialmente aqueles que estavam mais distantes desse contexto. Uma das crianças chegou a manifestar o desejo de que se "acabasse" com Chiang-Kai-Shek, que então liderava a China. Assim, pode-se observar uma analogia com o imperialismo da Alemanha, uma vez que a guerra imperialista não se restringia apenas a questões políticas ou econômicas, mas também incluía aspectos raciais, conforme apontado por Hannah Arendt:

Destarte, o imperialismo continental partiu de uma afinidade muito mais íntima com os conceitos raciais e absorveu com entusiasmo a tradição de ideologia racial. Seus conceitos de raça eram exclusivamente ideológicos e se tornaram armas políticas muito mais rapidamente que teorias afins expressas por imperialistas ultramarinos [...] (Arendt, 1998, p. 255)

Dessa forma, torna-se possível compreender as razões que levaram o Japão a invadir a China, especialmente na área da Manchúria, e como isso impactou o povo japonês, que, embora estivesse fisicamente distante dos combates, se via envolvido indiretamente em uma luta marcada por questões raciais e preconceitos. Isso fica evidente quando se analisa os personagens principais da obra de Tezuka: Adolf Camil, filho de judeus nascido no Japão, e Adolf Kaufmann, filho de um destacado político alemão também residente no Japão. Ambos são alvo de hostilidades por parte de crianças japonesas devido às suas origens distintas, o que reflete a guerra ideológica que o Japão impôs à China, indo além do simples conflito militar.

Ao observar a formação da Alemanha e do Japão, podemos identificar as semelhanças entre esses dois países, que, apesar de sua distância geográfica, tornaram-se aliados durante o conflito. Entender como ambos estavam estruturados no início do século XX e os fatores que os impulsionaram a entrar na guerra permite uma análise mais aprofundada dessas nações como o palco das ações de Adolf entre as guerras e durante a Segunda Guerra Mundial.

No âmbito da delimitação das áreas de atuação da obra em relação à Alemanha e ao Japão, o terceiro capítulo abordará esses dois países durante a Segunda Guerra Mundial. O foco será a análise de elementos característicos desse período, com ênfase na figura de Adolf Hitler, um dos principais personagens da obra. Buscaremos compreender como Tezuka apresenta sua imagem e qual a resposta da Alemanha Nazista diante disso. Além disso, será explorado como a população japonesa lidava com as ameaças de bombardeios aéreos e de que maneira isso impactava suas vidas segundo a perspectiva de Tezuka.

4. ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS TRAÇOS DE TEZUKA

No capítulo anterior, foi abordado como, no início do século XX, após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha se reorganizou para se tornar uma potência militar, mesmo depois de ser derrotada no conflito, destacando a figura de Adolf Hitler, especialmente a partir do Putsch da cervejaria, que o colocou em evidência na cena política alemã. Além disso, foi enfatizado como o Japão começou a se consolidar como uma nação imperialista após a diminuição da influência europeia na Ásia, criando oportunidades para seu expansionismo, com foco na disputa pela região da Manchúria, localizada no nordeste da China.

Neste capítulo, iremos inicialmente explorar como Osamu Tezuka representa os principais elementos da Segunda Guerra Mundial na Alemanha nazista, analisando também a forma como o autor aborda a figura de Hitler e a reação do povo alemão em relação ao seu líder. Além disso, focaremos nas atrocidades perpetradas pelas tropas nazistas, incluindo métodos de tortura e perseguições direcionadas a diversas etnias, especialmente aos judeus. Posteriormente, será ressaltada a relevância que Tezuka atribui ao temor da população japonesa em relação aos bombardeios frequentes que ocorriam naquela época e suas consequências.

Tezuka, ao compartilhar suas lembranças e ilustrar esses elementos em sua criação, convoca à importância de relembrar esses acontecimentos, confrontando o leitor com um dos episódios mais dolorosos da história da humanidade. Isso instiga uma reflexão sobre como as guerras geram efeitos persistentes que ecoam até os dias atuais. De acordo com Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética de lembranças e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

Conforme aponta Nora, é fundamental que a memória seja preservada e transmitida entre as gerações para que não caia no esquecimento. Nesse cenário, Tezuka, que viveu a Segunda Guerra Mundial, utiliza suas vivências e recordações em sua narrativa para conscientizar e manter viva a memória nas novas gerações. Ele apresenta personagens que refletem a realidade, como crianças que enfrentam discriminação devido

a suas diferenças étnicas em relação aos outros. Assim, o autor procura dar uma dimensão mais humana à história, sem deixar de lado os horrores da crueldade humana.

4.1 Hitler e a Alemanha Nazista

Num primeiro instante, Tezuka retrata Adolf Hitler como um comandante político venerado pelo povo, enfatizando os episódios de seus discursos na assembleia do partido Nazista, onde Hitler louvava a supremacia ariana da nação alemã e evidenciava a força do partido, com suas tropas, veículos blindados e dirigíveis.

Em seus pronunciamentos na assembleia, Hitler enfatizava que ele e o nazismo eram uma única entidade, surgindo do povo e, por essa razão, compreendia suas necessidades, gesticulando de maneira exagerada para capturar a atenção. Nesse cenário, o personagem Sohei Toge se posiciona como um observador externo, oferecendo uma perspectiva distinta ao examinar o discurso de Hitler. Ele destaca as táticas que o líder usava para gravar na mente da população tanto suas peculiaridades físicas quanto seus comportamentos, retratados de maneira amplificada e caricatural por Tezuka. Toge observa como Hitler se comporta como um ator em cena, aguardando a aclamação de seu público, que reage intensamente a cada pronunciamento (figura 1). Isso chama a atenção de Sohei Toge, especialmente no que diz respeito ao tratamento dispensado aos judeus. Ele questiona o motivo do ódio direcionado a esse grupo, mas recebe uma resposta convincente de uma mulher alemã sobre o assunto. Segundo Shirer:

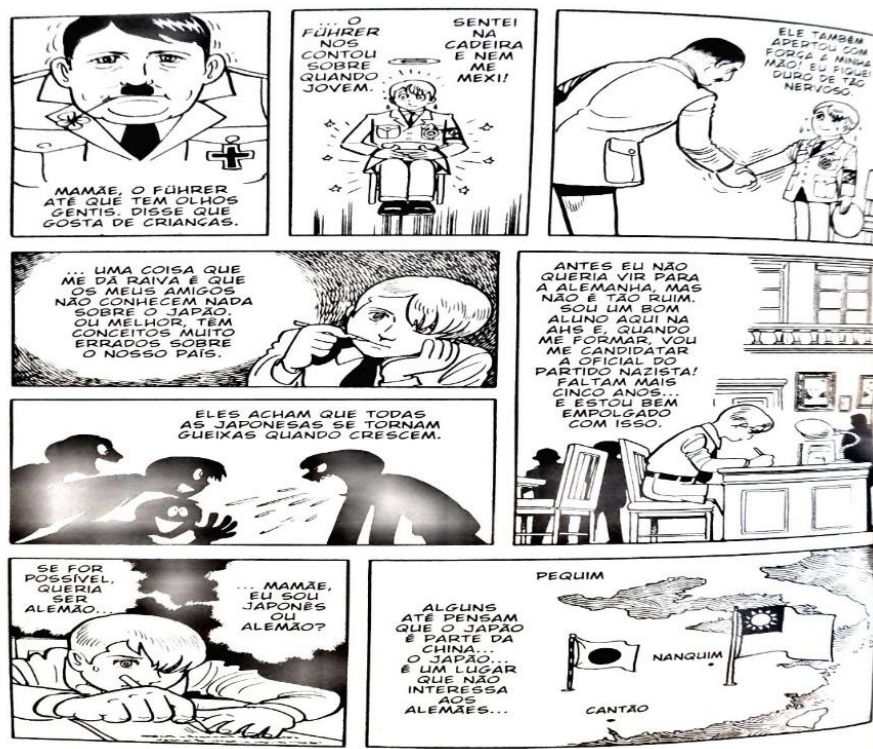
As leis raciais que excluía os judeus da comunidade germânica afiguravam-se ao observador estrangeiro um chocante retrocesso aos tempos primitivos. Em virtude, porém, de as teorias raciais nazistas exaltarem os alemães como o que de melhor havia na terra, a raça de senhores, as tais leis estavam longe de ser impopulares. Poucos eram os alemães — antigos socialistas, liberais, ou cristãos devotos das velhas classes conservadoras — descontentes ou mesmo revoltados diante da perseguição aos judeus (Shirer, 2008, p. 315).

Nesse cenário, Tezuka evidencia como os discursos de Hitler eram capazes de persuadir a população alemã, ao elevar seu ânimo, que se deixava cativar pela figura do Führer, ignorando a exclusão dos judeus¹⁰. Mesmo entre aqueles que percebiam o que

¹⁰ As Leis de Nuremberg constituíam duas leis distintas, aprovadas pela Alemanha nazista em setembro de 1935, são conhecidas coletivamente como “Leis de Nuremberg”: (a) a Lei de Cidadania do Reich e (b) a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã. Estas leis incorporavam muitas das teorias raciais que embasavam a ideologia nazista. Elas constituíram a estrutura legal para a perseguição sistemática dos

estava ocorrendo, havia uma dificuldade em agir, questionando-se sobre suas possibilidades de intervenção. Esse contraste de percepções retratado na obra revela o processo de aceitação gradual do holocausto na Alemanha, que se inseriu no dia a dia da população, que ouvia sobre essas mudanças de forma vaga em rádios controladas ou outros meios de comunicação. Ao contrário da União Soviética, os estrangeiros eram acolhidos com cordialidade no país, e até mesmo aqueles considerados antinazistas, que vinham para estudar, eram bem tratados e livres para explorar o que lhes interessasse, desde que não focassem nos campos de concentração e nas bases militares. Assim, ao retornarem às suas nações, mostravam-se, ao menos, mais tolerantes em relação ao regime.

Figura 9: ADOLF KAUFMANN ESCREVE PARA SUA MÃE SOBRE A SUA VIDA NA ALEMANHA



Fonte: *Adolf*, volume 2, 2006, p.147.

A trajetória de Adolf Kaufmann é fundamental para compreender o processo de nazificação promovido por Hitler. Após a morte de seu pai, Kaufmann se muda para a Alemanha contra sua vontade e é levado para a Adolf Hitler Schule (AHS), deixando para

judeus na Alemanha. Adolf Hitler promulgou as Leis de Nuremberg em 15 de setembro de 1935. O parlamento alemão (o *Reichstag*), então composto inteiramente por representantes nazistas, aprovou as mencionadas legislações

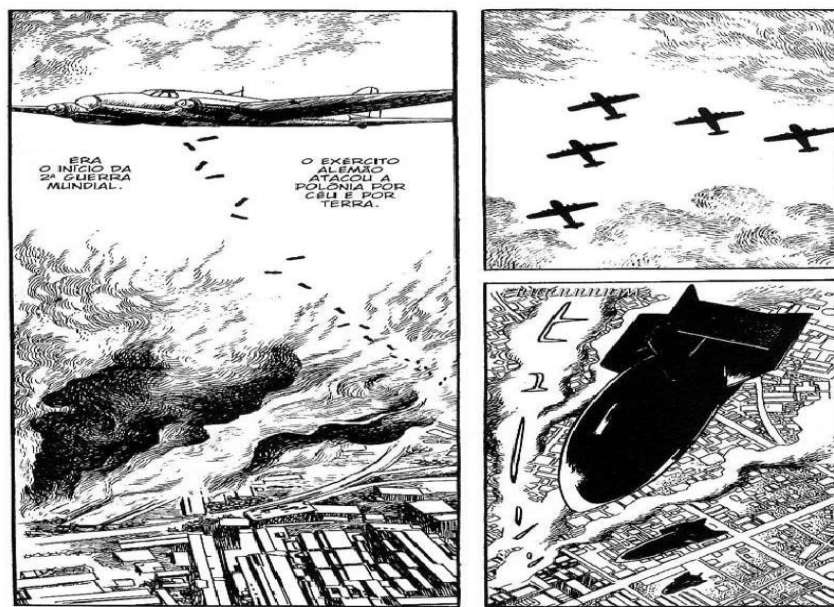
trás sua vida no Japão. Nesse ambiente, ele se destaca como um dos alunos mais brilhantes, embora enfrente críticas do diretor da AHS por sua defesa dos judeus. A transformação em sua perspectiva ocorre quando recebe uma medalha de reconhecimento e tem a oportunidade de conversar com Hitler, que lhe fala sobre como os judeus seriam os principais responsáveis pela miséria na Alemanha. Assim, completamente distante de sua anterior vida no Japão e de seu amigo Adolf Camil, Kaufmann passa a ser influenciado pelas ideias do Führer. Ao se comunicar com sua mãe, ele relata como sua experiência na Alemanha diverge de suas expectativas, chegando a considerar a possibilidade de se tornar um oficial do partido nazista no futuro. Além disso, Tezuka ilustra como a dualidade de sua identidade, sendo metade alemão e metade japonês, é um elemento que o sistema explora para integrar alguém que vem de fora.

Nesse cenário, Pollack (1992) destaca que a formação da identidade se fundamenta em um dos principais pilares, que é a unidade física, tanto no que diz respeito ao próprio corpo quanto ao sentimento de pertencimento a grupos. Assim, a construção da identidade social envolve um aspecto crucial: a percepção que se tem de si em relação aos outros. Esse fenômeno é sustentado pela busca de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade por meio de interações diretas com os demais. Esse entendimento é exemplificado pela figura de Adolf Kaufmann, que, no início, rejeitava a vida na Alemanha e seus costumes, mas gradualmente se adapta ao regime após seu encontro com Hitler. Durante essa reunião, o Führer explica a Kaufmann que a responsabilidade pela pobreza na Alemanha recaía sobre os judeus, uma vez que, para Hitler, a riqueza judaica era vista como a principal causa da crise no país, destacando também seu desprezo pelos comunistas. Dessa forma, Kaufmann fica impactado pelo discurso e pelas ideias eugenistas, que acabaram influenciando sua identidade.

Um aspecto notável neste trecho da narrativa de Tezuka é a maneira como Hitler se adapta ao público com o qual está se comunicando. Ao se encontrar com os jovens condecorados pela AHS, ele se apresenta como um líder afável, recordando seu passado como aspirante a pintor e compartilhando seus interesses pela arte, música e crianças, sempre exibindo um sorriso que leva Kauffman a comentar em uma carta para sua mãe que o Führer possui um olhar bondoso. No entanto, algumas páginas depois, Tezuka o retrata como o dirigente severo e autoritário pelo qual ficou famoso, durante uma reunião com outros líderes alemães, onde finalmente põe em prática seu plano de invadir a Polônia em 1º de setembro de 1939, um evento que deu início à Segunda Guerra Mundial, o maior

conflito armado da história, resultando na morte de cerca de 70 milhões de pessoas, tanto direta quanto indiretamente.

Figura 10: OFENSIVA ALEMÃ NA POLÔNIA EM 1939 INICIANDO A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



Fonte: Adolf, volume 2, 2006, p. 150.

O começo da Segunda Guerra Mundial foi marcado por abordagens táticas distintas em comparação à Primeira Guerra Mundial. Martin Gilbert (2014) destaca que Hitler via a guerra das trincheiras¹¹ como ineficaz, uma vez que resultava em pouco progresso contra inimigos que se encontravam solidamente posicionados. Assim, a estratégia adotada por Hitler foi a Blitzkrieg, ou "guerra-relâmpago", que se baseava em uma série de bombardeios aéreos imprevistos em alvos militares estratégicos, como bases aéreas, ferrovias e cidades, gerando um clima de pânico generalizado. Tezuka também menciona em sua narrativa a sequência de ataques terrestres em ondas que ocorriam após os bombardeios aéreos, intensificando ainda mais a destruição dos alvos. Nesse ponto, a obra de Tezuka revela um tom mais pesado, refletindo a tensão e o terror da primeira

¹¹ Conhecida como a segunda fase da Primeira Guerra Mundial, a guerra das trincheiras consistia na escavação de construção de linhas nas regiões das fronteiras inimigas, possuindo aparatos para o abastecimento das tropas comunicações. Entretanto devido a essa estratégia de combate, essa fase da guerra é narrada como um momento de poucos avanços, uma vez que tanto as forças da Tríplice aliança e Tríplice Entente, se concentravam dentro das trincheiras. Essa fase teve seu fim a partir dos avanços tecnológicos militares, como o uso de gás cloro e o carro de combate

ofensiva alemã contra a Polônia, que rapidamente sucumbiu ao exército germânico após um mês de invasão. Nesse contexto, Hitler foi celebrado em um desfile, e a Polônia acabou por ser fragmentada entre a Alemanha e a União Soviética.

Figura 11: ADOLF KAUFFMANN OBSERVA A ASSINATURA DO TRATADO DE RENDIÇÃO DA FRANÇA E A DESTRUIÇÃO DO MEMORIAL



Fonte: Adolf, volume 3, 2006, p. 213

Um dos pontos que se destaca na obra de Tezuka é sua habilidade em utilizar momentos cruciais da guerra como cenário para a interação e o crescimento de seus personagens. Kauffmann, ao se destacar na AHS e conseguir evitar que um espião vazasse informações, é convocado por Hitler para se tornar assistente de seu secretário, o que lhe proporciona um contato mais próximo com o desenrolar da guerra. Sua viagem à França o leva a testemunhar o instante em que o Führer exige a rendição da França no mesmo lugar onde a Alemanha assinou sua capitulação em 1918, ordenando que retirassem do museu o mesmo vagão, como uma forma de desdenhar o inimigo. Adolf Kauffmann observa com atenção e entusiasmo ao escutar de um ex-combatente como aquele local simbolizava uma grande humilhação e a importância de estar ali. Sobre isso, Shirer ressalta:

Ele desce do monumento e esforça-se por fazer até com esse gesto uma obra-prima de desprezo. Vira o rosto e lança-lhe um olhar, um olhar de desprezo rancoroso — quase se lhe percebe o rancor, porque não pode apagar aquelas letras terríveis e provocantes com um movimento de sua alta bota prussiana. Relanceia vagarosamente o olhar em volta da clareira e agora, ao encontrarem seus olhos os nossos, pode-se perceber a profundidade de seu ódio. Mas um ar de triunfo — um ar vingativo e de ódio triunfante — via-se também nele. Subitamente, como se seu rosto não estivesse concretizando inteiramente seus sentimentos, lança todo o corpo em harmonia com sua disposição de espírito. Coloca rapidamente as mãos na cintura, arqueia os ombros e fica com os pés separados. É um majestoso gesto de desafio, de ardente desprezo por esse lugar agora, e por tudo que representou nos vinte anos que decorreram desde que foi testemunha da humilhação do Império Alemão (Shirer, 2008, p. 175)

No posfácio, Tezuka destaca que a noção de nação frequentemente carrega um elemento de egoísmo, comumente referido como nacionalismo, o que pode ser relacionado às cenas de Hitler ordenando a eliminação do memorial de rendição alemã. Ao inserir Kauffmann na cena, o autor parece querer infundir uma certa dose de ingenuidade nesse instante. Kauffmann, ainda jovem, não compreendia a relevância daquele momento histórico. No entanto, à medida que percebe isso, ele começa a deixar para trás sua imagem infantil, evidenciada em suas características que ganham formas cada vez mais maduras. Isso ilustra como o nacionalismo, ou egoísmo, segundo Tezuka, transformou uma criança que no início não desejava a morte de judeus em alguém que, inserido nesse contexto, passa a ver como seu propósito de vida lutar pelo Führer e pela Alemanha, esquecendo suas raízes no Japão.

Tezuka, em sua obra, retrata os horrores do holocausto e as crueldades sofridas, em particular pelos judeus na Alemanha. O autor não mede esforços ao expor cenas carregadas de tensão e angústia; a figura de Kauffmann se destaca como a principal referência na abordagem desse tema recorrente durante o regime nazista. Após um salto temporal de três anos na narrativa, Tezuka redireciona o foco do espectador para um Kauffmann prestes a completar 20 anos, já integrado à Sicherheitsdienst - SD (Serviço de Segurança), que, após a mudança no rumo da guerra devido ao fracasso da operação Barbarossa¹², se torna fundamental para acalmar o descontentamento da população, que teme uma eventual derrota, especialmente com a falta de avanços significativos no front

¹² Operação militar realizada contra a União Soviética a partir de junho de 1941 que visava a destruição do governo comunista de Stalin. Além disso, a invasão fazia parte da desejo de Hitler pela conquista do “espaço vital”, constituído em geral na ideia da criação de um reino para o povo ariano sob as custas da exploração e escravização do povo eslavo.

soviético. Além disso, Kauffmann assume a responsabilidade de eliminar possíveis traidores do regime, uma vez que a moral de Hitler entre a população e seus oficiais estava em declínio.

Figura 12: ADOLF KAUFFMANN INTERROGA CIVIS ACUSADOS DE AJUDAREM JUDEUS



Fonte: Adolf, volume 4, 2006, p. 158

Um ponto notável na obra de Tezuka é a maneira como seus personagens incorporam traços específicos que enriquecem e tornam mais verossímil o cenário em que a narrativa se desenrola. Hitler é a figura histórica mais proeminente que o autor retrata, simbolizando a liderança autoritária, cruel e o principal responsável pelos eventos entre 1939 e 1945. Por outro lado, Adolf Kauffmann representa o soldado obediente, cativado pela ideia de nacionalismo e pela retórica eugenista (figura 12). Ele se torna uma ferramenta de um ideário que não compreende completamente; ao tentar promover a pureza da raça aariana, Kauffmann ignora sua herança mestiça, sendo filho de um alemão e de uma japonesa. A revelação da morte do Führer o leva a questionar o valor de seus sacrifícios, uma vez que perdeu sua família, um amigo e a esperança.

Figura 13: HITLER EXALTADO COM A CRESCENTE POSSIBILIDADE DE DERROTA DA ALEMANHA



Fonte: Adolf, volume 4, 2006, p. 117.

Com a derrota cada vez mais próxima na guerra, Hitler mergulhou cada vez mais em sua própria insanidade. Seus oficiais se esforçavam para conter o estado de euforia do Führer, que se tornava ainda mais paranoico após a tentativa de assassinato na Toca do Lobo em 1944. Com o cerco a Berlim se intensificando devido às tropas soviéticas e americanas, foi nesse ponto que ele reconheceu sua derrota (figura 13). As representações de Hitler feitas por Tezuka são exageradas e caricaturais, refletindo a tensão e a loucura que marcaram seus momentos finais antes do suicídio. Nesse contexto, Antony Beevor destaca que:

Hitler ficou indócil de impaciência por notícias do ataque de Steiner. Contudo, quando por fim soube que o “Destacamento de Exército Steiner”, como insistia em denominá-lo, não conseguira avançar, uma suspeita de traição entre a SS começou a se formar. Ele gritou e berrou furioso durante a reunião de meio-dia sobre a situação, para depois cair em prantos em uma cadeira. Pela primeira vez disse abertamente que a guerra estava perdida. O seu entourage tentou convencê-lo a partir para

a Baviera, mas ele insistiu em ficar em Berlim e se matar. Estava fraco demais para lutar (Beevor, 2015, p. 115)

Ao examinar a figura 13 em conjunto com as observações de Beevor, é importante destacar que, embora Tezuka elabore uma narrativa ficcional, ele utiliza a Segunda Guerra Mundial e suas figuras históricas como pano de fundo, sem se afastar totalmente das conexões com a realidade. Sua obra se revela uma nova fonte essencial para entender não apenas a figura de Hitler, mas também como suas ações influenciaram o conflito do lado alemão, especialmente no que tange ao Holocausto. Tezuka apresenta, com uma riqueza de detalhes, o grande impacto desse evento na história, que se manifesta além dos limites das ilustrações.

4.2 O Império japonês na Segunda Guerra Mundial

Conforme Jean Chesneaux (1976), a perspectiva ocidental sobre a cronologia da Segunda Guerra Mundial, iniciando em 1939, não reflete adequadamente a realidade da Ásia Oriental. Na verdade, na Ásia, o início da guerra remonta a 1937, com o surgimento do conflito sino-japonês. Além disso, destaca-se que foi somente em 1941, após o ataque do Japão à base americana em Pearl Harbor, que o confronto no Pacífico se conectou ao conflito global. Antes disso, as forças asiáticas estavam integralmente sob a dominância do império japonês, que realizava operações a partir da Manchúria. Com a ofensiva contra os Estados Unidos, a China passa a integrar o lado das potências ocidentais, como Estados Unidos e Inglaterra. Magno enfatiza essa questão ao afirmar:

Apesar da escala, a Segunda Guerra Sino-Japonesa foi relegada ao rodapé da história da história mundial ao longo de todo século XX. A historiografia mais convencional desse período tende a dividir a história da 2ª guerra mundial entre o teatro europeu e o teatro do Pacífico. O teatro do Pacífico, por sua vez, é analisado, principalmente, a partir do marco temporal de 1941, ou seja, após os ataques de Pearl Harbor e a consequente entrada dos EUA e do Reino Unido na conflagração asiática, tendo como principal enfoque analítico as operações no sudeste asiático e nas ilhas do Pacífico. Esta perspectiva não nos permite explicar as reais origens e resultados desta guerra, pois negligência o principal teatro e o principal beligerante que se interpôs aos japoneses: a China (Magno, 2018, p. 14).

Tezuka, ao segmentar sua narrativa em dois cenários, procura ressaltar um aspecto da Segunda Guerra Mundial que frequentemente é negligenciado em outras obras, conforme ilustrado nas figuras 7 e 8. Os principais personagens por meio dos quais o leitor é conduzido nesse trecho são o judeu Adolf Camil e o japonês Sohei Toge, que

expõem os desafios enfrentados tanto pela população japonesa quanto pelos que se opunham ao imperialismo do Japão.

Apesar de o Japão ter assinado o Pacto Tripartite com a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini, não era categorizado como um país fascista. Entretanto, apresentava algumas semelhanças ideológicas com essas nações, como a crença na superioridade racial, o desejo de purificação da raça, a valorização das virtudes militares que envolvia obediência inquestionável a superiores e respeito à hierarquia, além da aversão à liberdade de expressão. Segundo Sakurai (2007), o exército japonês foi notoriamente violento em suas ações na China, refletindo uma postura de superioridade dos japoneses em relação aos chineses, cultivada ao longo de anos através da educação das novas gerações. Os soldados japoneses, vistos como “brancos”, acreditavam que suas atitudes em relação aos chineses, considerados “amarelos”, eram justificáveis, pois lutavam em nome de seu imperador e de sua “missão”. Segundo Sakurai:

Os japoneses de então se acreditavam "iluminados", ou seja, moral e racialmente superiores aos demais povos. A grande maioria do povo japonês, disciplinado e doutrinado há pelo menos duas gerações, passou a acreditar que o Japão tinha uma missão de "civilizar e esclarecer" o mundo, o que, na prática, significava conquistar territórios e fazer valer seus interesses sobre os de outras nações. Toda a onda de ocidentalização verificada no país a partir de 1868 foi sendo substituída pela supervalorização do que se entendia como sendo genuinamente japonês. O "espírito samurai" foi revivido de forma contundente como exemplo de comportamento a ser seguido por todos os japoneses: lealdade, obediência às normas e à hierarquia, orgulho da pátria (Sakurai, 2007, p. 175)

Essas circunstâncias são apresentadas por Tezuka de maneira bastante nítida, destacando o testemunho de Yoshio, filho de um general japonês que serviu na China, na região da Manchúria. Yoshio foi ensinado em uma academia militar, onde aprendeu que os soldados japoneses estavam lutando por uma causa justa contra os chineses, evidenciando como a ética militar estava enraizada na sociedade da época, camuflada por um nacionalismo exagerado.

Figura 14: ADOLF CAMIL E YOSHIO CONVERSAM SOBRE O PATRIOTISMO JAPONÊS



Fonte: Adolf, volume 4, 2006, p. 44

A conversa entre Adolf Camil e O Yoshio sobre o significado do patriotismo japonês na época serve como uma crítica de Tezuka ao modo como o militarismo no Japão explorou o sentimento patriótico da população para justificar a guerra no Pacífico. Adolf Camil questiona a natureza de amar a pátria, enquanto Yoshio destaca que a chamada “alma japonesa” era desconsiderada pelos moradores da Manchúria, que eram submetidos ao que os japoneses viam como justiça. Dessa maneira, Tezuka convida o leitor a refletir sobre essa questão ao apresentar a infância de Yoshio na China, especialmente por ele ser filho de um militar, o que torna a conversa ainda mais relevante. Não apenas nesse trecho, mas em várias partes de sua obra, o autor mostra que qualquer questionamento sobre as questões em evidência era visto como uma atitude antipatriótica. Em uma carta para seu filho na Alemanha, a mãe de Adolf Kaufmann, Yukie, descreve como as condições se tornaram mais desafiadoras, mencionando o slogan institucionalizado “desperdício é o nosso inimigo”, revelando assim o clima tenso entre os civis.

Figura 15: ADOLF CAMIL EM MEIO AOS ECOMBROS DO ATAQUE AÉREO DE AVIÕES B-29



Fonte: Adolf, volume 5, 2006, p. 33

Após o ataque à base naval de Pearl Harbor em 1941, realizado pelo governo japonês sem uma declaração oficial de guerra, os Estados Unidos entraram no conflito. Nesse cenário, as ameaças de bombardeios aéreos por parte de aviões americanos se tornaram comuns. Ao retornar ao Japão, Kaufmann nota uma diminuição significativa no número de pessoas nas ruas e compreende que isso se deve à evacuação de Kobe após os primeiros ataques. Camil esclarece que esses bombardeios são recorrentes e que as fábricas da Mitsubishi são os principais alvos.

Saito (2012) destaca o papel crucial que os principais grupos empresariais do Japão desempenhavam na economia do país, servindo como uma importante fonte de recursos financeiros para o esforço de guerra. O ataque tinha como objetivo prejudicar a estrutura econômica japonesa, mas resultou em diversas vítimas civis. Na figura 15, Tezuka ilustra as repercussões desse ataque, mostrando Camil emergindo dos destroços com várias lesões, mas ainda assim ajudando os feridos que não tiveram a mesma sorte, como sua mãe, que faleceu em decorrência do ataque. Nesse instante, Tezuka revela como

a vida humana é sacrificada em prol da continuidade da guerra e da ofensiva contra o inimigo.

Figura 16: SOHEI TOGE CARREGA SUA ESPOSA FERIDA EM MEIO A DESTRUÇÃO E MORTOS



Fonte: Adolf, volume 5, 2006, p. 146

Ao relatar os bombardeios aéreos, Toge menciona a chuva escura que caía sobre a cidade de Kobe, resultante da mistura de fuligem e nuvens, gerando um fenômeno poluente que pairava sobre os ares sombrios da cidade. A única coisa audível era o ruído dos B-29, que despejavam suas bombas. Toge ressalta a ineficácia da preparação da população; apesar dos treinamentos promovidos pelas brigadas contra incêndios, as chamas provocadas pelas explosões se espalhavam de maneira descontrolada. Além disso, após os ataques às fábricas, Toge questiona a possibilidade de os aviões, ao final de sua missão, liberarem as bombas restantes sobre os civis, transformando a cidade em algo que, segundo ele, era pior do que o próprio inferno.

Tezuka ilustra os efeitos dos bombardeios (figura 16) em Kobe, destacando Toge, que havia sofrido ferimentos em ataques anteriores e quase totalmente perdido a audição. Ele carrega sua esposa, que foi ferida em um dos ataques, enquanto foge das chamas e avança por um mar de sangue e uma montanha de corpos, em busca de socorro médico.

Durante essa jornada, observamos vários civis também à procura de ajuda, após suas residências terem sido consumidas pelo fogo. Henshall (2014) relata que aproximadamente 13 milhões de japoneses ficaram desabrigados.

É importante destacar que, ao longo desse período, percebemos em segundo plano a devastação que atinge a população, com diversos serviços prejudicados, intensificando o desespero das pessoas que procuram escapar. Além disso, é evidente a dificuldade em obter suprimentos médicos e alimentares, com a comunidade se unindo para sobreviver, especialmente entre as vítimas mais severamente afetadas, como a esposa de Toge, que está grávida e, após sofrer danos cerebrais, necessita de cirurgia. No entanto, ela enfrenta obstáculos para receber atendimento em meio ao caos gerado pela quantidade de feridos que chega aos hospitais incessantemente. A personagem Yukie, esposa de Toge, que se encontra inconsciente, representa, nas ilustrações de Tezuka, a fragilidade da vida humana durante guerras, simbolizando milhares de indivíduos que, de forma inocente, pagaram um alto preço pelo conflito. Nesse instante, após conseguir apoio dos militares para tratar da sua esposa, Toge recebe uma mensagem do médico, que traz um desabafo e serve como uma crítica contundente de Tezuka à guerra. Na mensagem, o médico menciona a escassez de recursos e alerta que o atendimento se tornará insuportável. Além disso, informa sobre a morte de Hitler e ressalta que, enquanto os líderes políticos podem fugir ou até mesmo optar pela morte para escapar das consequências, resta aos civis e aos feridos que perderam suas vidas e propriedades na guerra causada pelo Totalitarismo, enfrentar uma realidade devastadora.

Ao expor essa crítica, o autor pretende levar a reflexão além das páginas do mangá, fazendo com que o leitor perceba como a guerra causa sofrimento àqueles que menos merecem. Posteriormente, Tezuka oferece uma resposta ao ilustrar o nascimento da filha de Sohei Toge ao fim do conflito, evidenciando que, apesar das mortes de milhões, o nascimento de uma criança simboliza esperança e a busca por um novo começo. Este momento é emblemático, pois coincide com a morte da esposa de Toge, estabelecendo uma conexão com a importância de recordar este acontecimento, a fim de aprender com o passado e honrar as vítimas de um período devastador, visando prevenir a sua repetição ao discutir questões que transcendem o âmbito político ou econômico, centrando-se na paz e no respeito à vida humana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi feita uma concisa análise sobre as transformações na historiografia provocadas pela influência da Escola dos Annales, que incorporou novas fontes históricas. Isso resultou na participação de distintos protagonistas na elaboração histórica. Assim, tudo o que é gerado pelo ser humano ao longo do tempo e em diferentes contextos passou a ser visto como material de investigação para a História, atraindo novos contribuintes de diversas áreas do conhecimento.

Com a introdução de novas disciplinas nas investigações científicas, fica claro que a literatura passa a ser uma parceira valiosa para permitir interpretações inéditas. Nesse contexto, os mangás surgem como uma nova chance para análises históricas, levando em consideração as influências tanto de quem cria essas fontes quanto de quem as interpreta. Assim, é importante, conforme destacado anteriormente pelo conceito de representação de Chartier, entender as experiências vividas por Tezuka que o afetaram e moldaram sua visão de mundo. No caso de suas obras, suas recordações da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto e do militarismo japonês tiveram um impacto profundo, resultando em uma criação ficcional que conecta suas memórias individuais ao contexto coletivo, algo que ele menciona em seu posfácio. Ao mesmo tempo, utiliza essas memórias para criticar diversos eventos que deixaram marcas. Nesse sentido, ao quando se examina as páginas do mangá, fica perceptível que muitas delas apresentam apenas elementos visuais, os quais conseguem por si mesmos transmitir o tom das situações retratadas por Tezuka, evocando no imaginário do leitor que não esteve presente nesses acontecimentos a memória coletiva para preencher as lacunas na narrativa.

Ao examinar uma narrativa que se baseia em experiências pessoais, é possível perceber que essas histórias funcionam como valiosas fontes históricas, pois oferecem a perspectiva única de seus criadores. O que o autor incorpora em seus personagens serve como uma ponte para suas críticas. Atualmente, a historiografia tem se afastado da objetividade das fontes, voltando-se cada vez mais para aspectos interpretativos, subjetivos e questionadores. Nesse contexto, o mangá se destaca como um material abrangente, pois une a linguagem escrita à visual, possibilitando a transmissão das emoções do autor. As inovações de Tezuka, com uma narrativa dinâmica através de diálogos e painéis - semelhante ao cinema - permitem que o leitor se conecte com os personagens, buscando compreender suas crenças. Essa interação está presente na obra, que, mesmo com figuras históricas, provoca reflexão por meio das mensagens

transmitidas em cada painel, mantendo um rigor histórico ao fundo, mas sem renunciar à sua originalidade. Ele apresenta uma nova perspectiva sobre a guerra, focando em indivíduos comuns e destacando suas histórias, enquanto considera as repercussões mais amplas dos eventos históricos.

Tezuka se propõe a revelar os horrores da Segunda Guerra Mundial através de dois cenários: Alemanha e Japão, que, aliados pelo Pacto Tripartite, apresentam diferenças, mas se unificam no ideal de nação e nacionalismo. Ao abordar a Alemanha, é evidente o destaque que o autor dá às questões centrais da Alemanha Nazista, principalmente por meio das interações de Adolf Kauffmann com outros personagens do contexto alemão. Através de Kauffmann, Tezuka apresenta a figura autoritária de Hitler, procurando preservar a veracidade histórica, mesmo nas relações com personagens fictícios. Nesse ambiente, surgem as críticas mais contundentes do autor, que não hesita em expor ao leitor a brutalidade da perseguição aos judeus, revelando o lado mais sombrio da natureza humana e, com isso, ampliando a noção de horror e violência no imaginário coletivo, embasado por seus conhecimentos históricos.

No que diz respeito ao Japão, é nesse contexto que Tezuka desenvolve suas principais reflexões. Baseando-se em suas experiências, ele expõe o militarismo extremo presente no país, que contribui significativamente para o clima de tensão, resultado principalmente da guerra Sino-Japonesa, que afeta o dia a dia da população. Um dos pontos centrais abordados é o racionamento de alimentos, que atinge especialmente os menos favorecidos. Em várias partes, a pesquisa revela que essa crítica ao militarismo japonês, que se utilizava do nacionalismo como uma forma de controle da população, era recorrente em sua obra. Além disso, o mangá de Tezuka também ilustra como os cidadãos comuns sofreram com os constantes ataques americanos, evidenciando as condições de miséria e dor enfrentadas por aqueles cujas vidas foram devastadas por líderes políticos e militares que tratavam a população como peças em um jogo de xadrez.

A pesquisa realizada demonstrou que o mangá de Tezuka é um importante instrumento para uma análise histórica, que não apenas aborda a Segunda Guerra Mundial, mas também o período anterior a ela. Isso proporciona ao leitor uma contextualização rica, além de apresentar uma linha do tempo nos capítulos, o que facilita a compreensão tanto da narrativa fictícia quanto dos eventos políticos que influenciaram a guerra. Todo o enredo da obra é desenvolvido através da história de Sohei Toge, que representa em vários momentos a figura de Tezuka e compartilha suas experiências

durante o conflito. Através dessa narrativa, Tezuka revela as representações de suas memórias, que são frutos das construções sociais e coletivas nas quais esteve envolvido.

É importante destacar que, além do aspecto investigativo, o mangá de Osamu Tezuka pode servir como uma ferramenta pedagógica valiosa para abordar a Segunda Guerra Mundial. Utilizando elementos visuais, ele consegue captar a atenção dos alunos e favorecer uma análise mais profunda em conjunto com o material didático. Assim, torna-se um recurso eficaz para o ensino de história, capaz de atrair e manter o interesse dos estudantes. Ademais, apesar de incluir momentos de tragédia e violência, sua leitura é acessível e envolvente, permitindo que os leitores aprendam não apenas sobre a Segunda Guerra, mas também que tenham um vislumbre da cultura japonesa, ao mesmo tempo que apresentam uma perspectiva oriental sobre o ocidente e oferecem uma nova abordagem para a temática.

Em conclusão, o mangá Adolf se destaca como uma valiosa fonte para debates históricos no ensino da história, permitindo uma ampliação do entendimento sobre a Segunda Guerra Mundial. Ele oferece uma representação que, ao mesmo tempo, é precisa e compreensível, facilitando o contato dos alunos com o passado. Ao empregar uma mídia que está em ascensão no ocidente como uma ferramenta educacional, Tezuka proporciona, com Adolf, um recurso significativo para a reflexão.

6. REFERÊNCIAS E FONTES

6.1. Referências bibliográficas:

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. 3º reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas**: olhares sobre os caminhos percorridos e perspectivas sobre os novos tempos. Revista Albuquerque, Campo Grande, v. 2, n. 3, p. 71-115, jan/jun. 2010.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas**: introdução à sua definição, função e variedade. Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão, v. 11, n. 2, p. 03-26, jul./dez. 2020

BARROS, José D'Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. MOUSEION, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOURDÉ, Guy. **As escolas históricas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru- SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHESNEAUX, Jean. **A Ásia oriental nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Pioneira, 1976.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich no poder**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HENSHALL, Kenneth. **História do Japão**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2014.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Manga e animê: Ícones da Cultura Pop Japonesa**. Fundação Japão, São Paulo, 18 mar. 2014. Disponível em: https://fjisp.org.br/estudos-japoneses/artigo/manga_anime_sonia_luyten/. Acesso em: 30 set. 2024.
- MAGNO, Bruno. **SEGUNDA GUERRA SINO-JAPONESA: GÊNESE DE UM MODO ASIÁTICO DE FAZER A GUERRA?**. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Relações Internacionais) - UFRGS, Porto Alegre, 2015
- MAGNO, Bruno. **REVOLUÇÃO NACIONAL E GUERRA PROLONGADA NA CHINA: ANÁLISE ESTRATÉGICA E OPERACIONAL DA SEGUNDA GUERRA SINO-JAPONESA (1937-1945)**. 2018. Dissertação (Mestre em Estudos estratégicos internacionais) - UFRGS, Porto Alegre, 2018.
- MANUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- MORAES, Karen Pinho de. **Narração e Memória no Mangá Adolf, de Osamu Tezuka (1983-1985)**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 196 p.
- NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: A História depois do papel**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 7, p. 235-289
- NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. KHOURY, Yara Aun (trad.). **Projeto História**, São Paulo, v. 10, 1993.
- POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SADER, Emir. **Século XX uma biografia não-autorizada: o século do imperialismo**. 3ª edição, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SAITO, Nádia. **A formação do Fascismo no Japão de 1929 a 1940**. Orientador: Lincoln Secco. 2012. Dissertação (Mestre em História Social) - FFLCH-USP, São Paulo, 2012.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. cap. 10, p. 187-205.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma historiografia da reflexão. *In*: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 7-12.

SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2008. v. 1.

SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich: o começo do fim (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Agir, 2008. v. 2.

WINTERSTEIN, Claudia Pedro. **Mangás e Animes: Sociabilidade entre Cosplayers e Otakus**. Dissertação de Mestrado. São Carlos; UFSCar, 2009

6.2 Fontes:

TEZUKA, Osamu. **Adolf**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006. 264 p. v. 1

TEZUKA, Osamu. **Adolf**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006. 255 p. v. 2

TEZUKA, Osamu. **Adolf**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006. 272 p. v. 3

TEZUKA, Osamu. **Adolf**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006. 240 p. v. 4

TEZUKA, Osamu. **Adolf**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007. 256 p. v. 5